

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

LEAL, Agostinho dos Reis  
*Direcção Espiritual:  
um serviço eclesial esquecido?*

REIS, Manuel Fernandes  
*Isabel da Trindade:  
«Mãe espiritual de sua mãe»*

LEAL, Agostinho dos Reis  
*Princípios de direcção espiritual  
em S. João da Cruz*

DE MARGERIE, Bertrand  
*Manuel Bernardes:  
Teólogo contemplativo, mestre de  
oração...*



# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

## SUMÁRIO

AGOSTINHO DOS REIS LEAL

*Direcção espiritual: um serviço eclesial esquecido?..* 163

MANUEL FERNANDES REIS

*Isabel da Trindade:  
«Mãe espiritual de sua mãe» .....* 175

AGOSTINHO DOS REIS LEAL

*Princípios de direcção espiritual  
em S. João da Cruz .....* 193

BERTRAND DE MARGERIE

*Manuel Bernardes: oratoriano, teólogo contemplativo,  
mestre de oração e de expressão literária .....* 205

---

NÚMERO 7

Julho - Setembro 1994

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

---

---

## Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

## Director

P. Alpoim Alves Portugal  
Centro de Espiritualidade  
Avevadas ☎ 055.534207  
4630 MARCODECANAVESES

## Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal  
P. Jeremias Carlos Vechina  
P. Manuel Fernandes dos Reis  
P. Mário da Glória Vaz  
P. Pedro Lourenço Ferreira

## Redacção e Administração

Edições Carmelo  
Rua de Angola, 6  
Paço de Arcos ☎ 01.4433706  
2780 OEIRAS

Assinatura Anual .....	2.500\$00
Espanha .....	Ptas 2.500
Estrangeiro .....	USA \$ 30
Número avulso .....	700\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

# DIRECÇÃO ESPIRITUAL

## Um serviço eclesial esquecido?

P. AGOSTINHO LEAL

Em ambientes universitários de tendência hermenêutico-bíblica contava-se, em estilo anedótico, que R. Bultmann tendo acabado de ministrar um dos seus cursos desmitificadores, recebeu dos seus alunos uma carinhosa lamentação em que se liam as palavras de Maria Madalena: «levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram» (Jo 20,13). Apetecia-me dizer o mesmo sobre a direcção espiritual: para onde é que ela foi? Onde a puseram? Que lugar ocupa hoje na pastoral da Igreja?

## Direcção ou acompanhamento espiritual?

Para evitar qualquer discussão inútil àcerca da terminologia a empregar sobre este ministério pastoral e de serviço aos irmãos quero afirmar desde já, como minhas, a certeza e convicção do P. Federico Ruiz: «Não faço problemas com o nome de *direcção espiritual*. Todos os que conheço são impróprios, mesmo os mais recentes. O que é preciso é não tirar conclusões apenas olhando ao nome sem conhecer a realidade que se designa com ele».<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> RUIZ SALVADOR, Federico, *Caminos del Espíritu*, EDE, Madrid 1974, p. 477.

Na verdade, apesar de se ter escrito muito pouco sobre a direcção espiritual, sobretudo depois do Concílio Vaticano II, os títulos de alguns trabalhos aparecidos não são unânimes quanto à terminologia.

B. Giordani é explícito a este respeito: «Alguns sugerem o abandono do termo *direcção espiritual* para o substituir pelo de *relação de ajuda* ou *consultório espiritual*, ou com outros nomes. Pessoalmente prefiro manter a terminologia tradicional, inclusive para evitar que esta especial relação não se confunda com outras formas de diálogo com finalidade educativa, ou com formas comunitárias de revisão de vida ou discernimento, ou com encontros educativos com pessoas ou movimentos conhecidos no passado. O que importa é que a direcção espiritual consista acima de tudo num diálogo no qual um dos interlocutores se esforça por promover no outro um processo de amadurecimento interior que o torne capaz de viver os valores cristãos numa forma cada vez mais plena».<sup>2</sup>

Qualquer que seja o nome que se empregue o importante é reconhecer que em toda a dinâmica espiritual existe uma lei de crescimento: «Jesus crescia em idade, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52), e um processo de configuração ao mistério de Cristo que engloba várias etapas concomitantes em conhecimento e amor (cf. Gál 4,19). Neste sentido A. Royo Marin definia a direcção espiritual da seguinte maneira: «É a arte de conduzir progressivamente as almas desde o princípio da vida espiritual até aos cimos da perfeição cristã».<sup>3</sup> A direcção espiritual pode ter várias expressões ou mudar de estilo e linguagem, mas a sua essência nunca mudará. O seu sentido actual e permanente é o mesmo que a Igreja afirma desde há séculos: discernir a vontade de Deus sobre cada pessoa e realizar a função de serviço aos irmãos para se realizar neles o projecto de salvação oferecido pelo Pai, em Cristo, e na Igreja.

---

<sup>2</sup> Cf. o número monográfico de *Sal Terrae* 5 (Maio 1989).

<sup>3</sup> MARÍN, A. Royo, *Teología de la perfección cristiana*, Madrid 1955, p. 474.

## A direcção espiritual está de volta

«É um grande mal uma alma andar sozinha entre tantos perigos. Parece-me a mim que se tivesse encontrado alguém a quem pudesse falar de tudo isto, ter-me-ia ajudado a não voltar a cair, ao menos por vergonha, já que a não tinha de Deus. Por isso, aconselharia aos que oram, sobretudo no princípio, que se façam amigos de outras pessoas que também oram. Isso é muito importante não só porque se ajudam uns aos outros com as suas orações mas porque também traz muitos outros benefícios... É necessário, para quem deveras começa a amar e servir a Deus, que tenha algumas pessoas amigas com quem fale das suas conquistas e dificuldades espirituais... Creio que quem fizer assim e tiver esta intenção, para si tirará proveito e proveito dará aos que o ouvirem; sairá ensinado e, sem saber como, aos seus amigos ensinará».<sup>4</sup>

Esta recomendação de Teresa de Jesus brota da sua experiência de vida na procura da perfeição através do crescimento até à plenitude das suas capacidades de relação amistosa e amorosa com Deus e com o próximo. Neste texto do *Livro da Vida* encontramos o substancial, sólido e permanente de toda a direcção espiritual: o grande mal de querer caminhar só, a necessidade de fazer amizades com pessoas que trilham o mesmo caminho, a abertura de alma através de um diálogo amigo para falar das dificuldades e conquistas, a prática do saber ouvir pelo qual se ensina e se é ensinado. Esta «ciência» de relação, discernimento, encontro e amizade não é moda ou apenas para uma época mas ela é de todos os tempos e para todos os tempos pois sem ela fica-se como que paráltico ou anão. E, pelo menos que eu saiba, nem humana nem espiritualmente, ninguém deseja ser paráltico ou anão. Nunca.

A crise da formação sacerdotal e religiosa dos últimos tempos, bem como outros factores e causas, colocaram em questão o nome e função da direcção espiritual. Será que hoje a direcção espiritual ou

---

<sup>4</sup> TERESA DE JESUS, *Livro da Vida*, 7, 20.

acompanhamento espiritual é necessária? O cristão de hoje, tão «desenvolvido e desmamado», precisará de ajuda? Não é o homem de hoje senhor de si mesmo, livre e responsável pela sua própria vida e pelo seu futuro? Não será a direcção espiritual um freio ou mesmo uma opressão? A nova pastoral da juventude, os grupos, a revisão de vida, a dinâmica dos novos movimentos eclesiais, a participação mais consciente dos leigos na vida da Igreja, a nova evangelização, etc., não vieram tomar o lugar reservado à direcção espiritual? Estas são apenas perguntas que, no meu entender, afirmam a necessidade da mesma e a querem presente na vida espiritual.

Hoje afirma-se que «o acompanhamento espiritual é uma prática que está de volta. Melhor dizendo, que renasce das cinzas da antiga «direcção espiritual», recuperando alguns dos seus velhos temas e introduzindo outros que são novos».<sup>5</sup> No Novo Dicionário de Espiritualidade garante-se que «depois de um período de desvalorização e abandono volta-se hoje a falar da direcção espiritual. Fala-se, não só porque se pergunta pela sua operatividade ou utilidade, mas, sobretudo pelos vínculos que a ligam à teologia e, muito especialmente às ciências humanas; pelo papel que assume nas recentes fundações da vida consagrada, inclusive na vida laical e secular».<sup>6</sup>

Presentemente, e apesar do grande avanço das ciências humanas e da comunicação, vive-se um ambiente de turismo espiritual e uma conseqüente falta de enraizamento da vida espiritual, propício às «borboletas espirituais» que, de Igreja em Igreja, de seita em seita, de mestre em mestre ou de gurú em gurú, voam à procura de novas experiências, incapazes de penetrar e discernir uma autêntica experiência espiritual de amizade com Deus e de compromisso cristão com a própria pessoa e a comunidade.

Para além das causas da crise, como sejam a desilusão biográfica, a tendência para os grupos e a crise da paternidade, apontadas por Luís Mendizábal,<sup>7</sup> «existem hoje — segundo o mesmo autor —, obstáculos particularmente especiais, que provêm dum *pelagianismo camuflado* e de

---

<sup>5</sup> BOLADO, Alfonso Alvarez, Sumário, em *Sal Terrae* 5, (Maio 1989), p. 337.

<sup>6</sup> MERCATALI, A., em *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, Ed. Paulinas, pp. 1046-1060.

<sup>7</sup> MENDIZÁBAL, L.M., *Dirección espiritual: teoría y práctica*, Ed. Católica, Madrid 1978.



um *quietismo angelista*. *Pelagianismo* que se mostra numa confiança ilimitada na organização, nos meios modernos, nas planificações, marginalizando a oração ou estendendo o pelagianismo à mesma oração. A sua nota característica é a desestima e descuido da docilidade pessoal e íntima com Deus. E o *quietismo angelista*, que fazendo realçar a dependência de Deus, cruza os braços, esperando que Deus faça tudo, sem colaborar eficazmente com Ele».

Pessoalmente penso que a actualidade da direcção espiritual não está em demonstrar se ela está na moda ou não. São, precisamente, estes obstáculos e causas de crise que a afirmam e reclamam uma nova metodologia e uma nova doutrina.

Não são apenas as «extra-limitações e defeitos na direcção espiritual» que reclamam a atenção para as novas perspectivas psicológicas, sociológicas e eclesiológicas. É preciso não desviar ou abafar as grandes questões antropológicas, sempre antigas e sempre novas, como as sensações e o seu carácter afectado por outras faculdades, as emoções e os seus automatismos e formas de dependência, os pensamentos e a agitação mental, a falsa identificação do homem, o discernimento entre o que é ainda projecção psíquica e o que já é efectiva realização espiritual, a purificação das potências da alma e suas respectivas metamorfoses até chegar à plenitude da caridade que é o estado mais perfeito da realização humana e cristã.

Mas mais do que causas, crises, obstáculos, avanços científicos e novas perspectivas, é preciso ter em conta que continuam a existir pessoas. Pessoas com fome de conhecimento próprio e sede de Deus; pessoas concretas que estendem a mão à procura de um amigo que as ajude a crescer em espírito e verdade e raramente o encontram. Continuam a existir pessoas que, depois da queda de algumas referências institucionais, ficaram abandonadas a si mesmas.

Não há uma doutrina que se imponha e faltam normas de vida. Mas a pessoa continua a precisar de quem ajude a consolidar um projecto de vida cristão. Apesar do sacerdote ser hoje um apóstolo em época de grandes massas, reclama-se uma mistagogia para comunicar a fé com espaços de amizade e encontro verdadeiramente espirituais.

## É urgente recuperar este ministério eclesial

«Os sacerdotes..., procurando ver se os espíritos vêm de Deus, investiguem com o sentido da fé, reconheçam com alegria e promovam com diligência os multiformes carismas dos leigos, tanto os mais humildes como os mais sublimes. Entre os outros dons de Deus, que se encontram em abundância nos fiéis, são dignos de *um cuidado particular* os que atraem numerosas almas a uma vida espiritual mais elevada».<sup>8</sup>

Não existe diálogo em profundidade. Faltam mestres que dêem razões para viver e motivos para esperar: é de lamentar que se organizem vários tipos de aprendizagem práticos para os futuros terapeutas ou consultores e não se pense em preparar com esmero aqueles que são chamados a prestar uma ajuda tão preciosa e delicada como é a da direcção espiritual.

O Povo de Deus queixa-se, e com razão, de que os sacerdotes e religiosos/as se encontram em qualquer lado e para qualquer coisa menos para aquilo que ele mais precisa, isto é, que lhes falem das coisas de Deus e os acompanhem nas suas necessidades espirituais.

Muitos jovens, que participam em encontros, convívios, fins de semana ou semanas de estudo ou de oração, queixam-se da falta de tempo e espaço para o encontro pessoal com alguém que os ajude no seu crescimento na fé ou discernimento vocacional.

Comprova-se, sobretudo nestes tempos de isolamento e solidão causada pelas grandes aglomerações urbanas, que a versão secularizada dos directores espirituais, psicólogos e psiquiatras, não chegam a ser uma ajuda plenamente satisfatória para quem sente a necessidade de ser escutado e acompanhado no âmbito do espírito, do crescimento e amadurecimento pessoais como resposta às exigências do Espírito.

Felizmente também se comprova que a reflexão teológica e pastoral, através de encontros e congressos, se tem preocupado com

---

<sup>8</sup> Concílio Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis* n. 9.

esta problemática e a sua prática, vindo a concluir da necessidade e urgência por recuperar e preparar este serviço qualificado para todo o Povo de Deus. Aumenta a convicção de que este serviço pastoral — a direcção ou acompanhamento espiritual — é específico e não deve ser absorvido por outros serviços pastorais ou educativos.

Olhando para a Bíblia e para a história descobrimos facilmente a *fundamentação teológica e histórica* deste ministério na Igreja.

Deus vive próximo e no meio do seu Povo (Dt 31, 8). Ele é uma presença e uma ajuda que gera confiança. O Povo vive em diálogo com o Deus vivo e libertador que vem ao seu encontro (Sal 42, 3) como pai (Dt 1, 31-33) e pastor (Sal 80,2). Deus manda também os seus enviados para ajudar o Povo a escolher um caminho (Ex 13, 17-18) que responda à aliança.

Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14, 6). É o Mediador (Mc 3, 14). Escolhe um pequeno grupo de discípulos a quem revela a vontade do Pai e, depois de Ressuscitado, dá-lhes o Espírito Santo para que lhes recorde tudo quanto lhes havia ensinado (Jo 14,25) a fim de continuarem a sua acção. O seguimento de Jesus é um itinerário com várias etapas em que o Reino de Deus é o centro da existência (Mc 1, 15; Lc 13, 5). Este itinerário, feito em conversão permanente, não se faz sozinho, mas em comunidades com um forte sentido do Espírito Santo, as mediações eclesiais, a peregrinação e a carreira para atingir uma meta (1 Cor 9, 24-27).

As primeiras Comunidades cristãs, perseguidas e minoritárias, tinham nos anciãos as pessoas com experiência, sabedoria e idoneidade para os fortalecer e guiar na fé e fidelidade ao Senhor. Com a oficialização da religião cristã pelo Império surgem os eremitas e, depois, os cenobitas: grupos que se formam à volta de alguém com forte experiência de Deus. Nos primeiros séculos da Igreja existia o catecumenado onde se desenvolvia uma vida cristã alimentada pela exigência, mistagogia, sentido de processo e de relação com a comunidade. Os mosteiros também inspiraram grande parte da vida cristã: S. Bento, S. Francisco de Assis, Santa Teresa de Jesus e S. João da Cruz, Santo Inácio de Loyola e muitos outros souberam orientar os seus irmãos nos caminhos do Espírito através da primazia de Deus, da procura ardente da verdade, da prática da comunhão e caridade universal, do discernimento, liberdade, amor à Cruz, vazio preenchido pelo amor de Deus que eleva até ao verdadeiro crescimento que é a santidade. O Concílio de Trento, para além da criação dos Seminários, fez uma renovação teológica e pastoral: para caminhar na

vida espiritual não basta a confissão dos pecados, pois fazem falta guias experimentados no caminho da santidade.

A Idade Moderna trouxe a necessidade de personalizar mais o processo de amadurecimento na fé. Com as ciências modernas superasse a visão dos «dois caminhos», deixa-se de identificar vida espiritual e vida religiosa, e começa-se a pôr em questão a forma tradicional de entender a direcção espiritual.

O Concílio Vaticano II apela para uma leitura dos sinais dos tempos, rejeita a espiritualidade da «fuga mundi» e faz uma análise nova da realidade. O modelo clássico da direcção espiritual entra em crise ao encaixar os novos conceitos sobre a relação fé-cultura, a secularização, a auto-formação, a auto-determinação, a realização pessoal, etc.

Na teologia actual não se fala tanto de direcção espiritual, mas de acompanhamento espiritual. Acompanhamento como «um serviço de escuta, de misericórdia e de esperança»; uma «escola sistemática de vida interior». O acompanhamento é descrito como meio de «ajudar uma pessoa a desenvolver-se e a fazer efectivas as suas possibilidades e capacidades, neutralizar os seus defeitos e superar as suas carências, para descobrir o tipo de actividade que melhor possa desenvolver, as relações que estão mais de acordo com as suas possibilidades».<sup>9</sup>

## **Renovação e preparação para esta missão**

A direcção espiritual não pertence a uma zona de pastoral privada. Ela insere-se na missão da Igreja e dentro da pastoral e é recomendada pela Igreja.<sup>10</sup> Mas, porque se trata de uma tarefa transcendental e muito delicada requer mãos e coração de artista. Para exercer adequadamente a direcção espiritual não basta sentir tendência para a espiritualidade e ser

---

<sup>9</sup> Cf. FERNÁNDEZ, A., *El acompañamiento personalizado en la encrucijada de la vida*, em *Sal Terrae* 5 (Maio 1989), pp. 365-380.

<sup>10</sup> Cf. Concílio Vaticano II, Decretos *Optatum Totius*, n. 8 e *Presbyterorum Ordinis*, nn. 6 e 18.

devoto, exemplar no cumprimento de determinadas normas, dotado de espírito exigente, autoritário ou paternal.

*As qualidades do director ou acompanhante espiritual:* é impossível fazer uma lista completa das qualidades que deve ter um director espiritual. Contudo é preciso exigir-lhe as principais. Santa Teresa de Jesus sinteticamente aponta três: «Assim importa muito que o mestre seja avisado — digo, de *bom entendimento* — que tenha *experiência*. Se com isto tem *letras*, é grandíssima coisa; mas, se não se podem encontrar estas três juntas, as duas primeiras importam mais, porque letrados podem-se procurar para com eles comunicar quando houver necessidade».<sup>11</sup>

A direcção espiritual não é uma ciência, nem se reduz à pura psicologia. Ela é acção de Deus (Sab 9,6). A direcção espiritual é um trabalho eclesial de caridade evangélica e tem por finalidade secundar a acção do Espírito Santo. Ensinar o caminho do Senhor é uma arte que se aprende, um pouco nos livros, e muito por uma prática prolongada. Dirigir não é dizer tudo mas sugerir, evocar e chamar a atenção. O caminho espiritual só se aprende quando se percorre pessoalmente.

O mestre espiritual terá de ter uma grande riqueza de experiência e uma grande capacidade de discernimento. Ao mesmo tempo terá de *ser pobre*, pois é o Senhor quem nos guia e atrai para Ele. O mestre espiritual morrendo a si mesmo, pode dar vida a quem acompanha. O mestre espiritual é como o mineiro: a fonte brota quando se cava, se aprofunda e liberta a água; mas não é o mineiro que dá a água. Pobre é aquele que não se procura a si mesmo na satisfação dos seus conhecimentos, conselhos ou virtudes. Pobre é aquele que está atento ao Espírito e faz do outro o seu centro principal de interesse. Pobre é aquele que não tem respostas prévias. Pobre é aquele que sabe ouvir primeiro a experiência do outro e não absolutiza ou endeusa o seu caminho pessoal, como sendo o único e totalmente certo. Pobre é aquele que não se irrita quando o abandonam.

Há diversidade de dons e carismas. Deus tem muitos meios e caminhos para levar as almas até Ele. Por isso, o director faz-se pobre e

---

<sup>11</sup> TERESA DE JESUS, *op.cit.*, 13, 16.

*sábio* quando reconhece que o caminho de cada pessoa não está programado, mas que se vai fazendo à medida que a pessoa vai desenvolvendo o seu ser dinâmico interior. Sábio é aquele que renuncia à sua «autoridade» ou «poder» para «dirigir», que não impõe a sua vontade ou visão das coisas, ou até mesmo a sua experiência. Sábio é aquele que sabe escutar atentamente o outro e adopta uma atitude receptiva e compreensiva da situação do seu interlocutor, do seu modo de viver. Sábio é aquele que sente e acompanha cada momento e circunstância a vida do outro com um respeito sagrado pela sua liberdade e responsabilidade de descoberta e compromisso nos caminhos adoptados para o seu crescimento. Sábio é aquele que está aberto aos novos métodos e técnicas que as ciências do comportamento humano vão descobrindo e que favorecem o crescimento da pessoa.

O director deve possuir alguma *experiência*. Não é o muito saber que farta e satisfaz a alma, mas o sentir e gostar as coisas internamente (Ex 3). Na realidade o mestre ensina mais com a sua experiência do que com a sua palavra. As grandes transformações interiores são as que procedem da vida, da experiência, que se adquirem através da acção. Nenhum método de direcção espiritual pode ser teórico. Não são os conteúdos de carácter teórico sobre a espiritualidade ou ascética cristã que lhe dão capacidade para submeter a um juízo de valor o comportamento de quem se aproxima dele ou penetrar nesse mundo íntimo e interior da pessoa. São os trabalhos de consulta, de diálogo espiritual, que descobrem ao director a sua capacidade de acolhimento e atenção à pessoa que tem à sua frente. Existem guias espirituais que sabem muito, leram muito, etc, mas podem estar carecidos duma experiência de profundidade. É importante ter conhecimentos, mas mais importante ainda é saber prescindir de todos os estudos feitos para estar totalmente aberto ao outro. Quem não tiver experiência, ainda que saiba todas as ciências, pode ser um ignorante; pois, quem nunca reflectiu sobre a sua própria experiência e quer discernir e reflectir sobre a dos outros mais não é que ignorante.

O director deve ser *simples e inteligível*. Não é preciso usar uma linguagem cara, um vocabulário complexo ou ver-se obrigado a representar. O director deve viver em profundidade a sua própria realidade espiritual, isto é, deve ser um homem de Deus. Quanto mais espiritual for mais simples se torna, isto é, mais verdadeiro interiormente e menos necessitado de palavras. Ao viver em profundidade, praticando o desprendimento e a simplificação interior, o director é cada vez mais capaz de ler os segredos da alma e entender o

outro na profundidade. Esta não é interioridade emotiva, algo que o afecta ou comove, mas, no dizer de S. João da Cruz, é um «entender não entendendo» que chega mais além de toda e qualquer ciência.

## Três notas conclusivas

1. A preparação prática para esta bonita arte de «dirigir almas» não se pode deixar à improvisação. Esta aprendizagem prática requer serviços de formação e pessoas especialmente qualificadas e vocacionadas para este sector da pastoral. O constante avanço das ciências humanas e do espírito aportam novas descobertas, perspectivas e técnicas que um honrado director espiritual não pode desconhecer no seu trabalho. A formação do clero, religiosos/as e leigos educadores deveria criar sessões mais ou menos alargadas de exercício prático a fim de assumirem com qualidade este necessário, transcendental e urgente serviço.

2. «Os caminhos que conduzem até Deus são inumeráveis e só se encontram no absoluto do seu mistério. Quando vir a Deus tal como é, então já não haverá caminho, nem etapas, nem serão precisos guias. Mas enquanto caminhamos neste mundo, esse objecto está para além do nosso alcance. É preciso, pois, que aceitemos a nossa presente condição. Estamos a caminho e este caminho passa por pleno território humano. Querer andar fora desta realidade é expor-se a divagar e a perder-se nos sonhos da nossa imaginação».<sup>12</sup>

3. «Tenho visto claramente que por esta porta — a sacratíssima Humanidade de Cristo — temos de entrar, se queremos que a soberana Majestade nos mostre grandes segredos. Assim V. Mercê, senhor (P. Garcia de Toledo, O.P.), não queira outro caminho, embora esteja no cume da contemplação. Por aqui vai seguro».<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> RAGUIN, I., *Maestro y Discípulo. El acompañamiento espiritual*, Ed. Narcea, Madrid 1986, p. 21.

<sup>13</sup> TERESA DE JESUS, *op.cit.*, 22, 6-7.

**«O Espírito Santo  
dá a certos fiéis  
dons de sabedoria, de fé e de discernimento,  
em vista do bem comum  
que é a oração  
(*direcção espiritual*).**

**Aqueles e aquelas que de tais dons são dotados,  
são verdadeiros ministros da tradição viva da oração:**

**É por isso que a alma  
que quer progredir na perfeição deve,  
segundo o conselho de S. João da Cruz (*Chama*, estrofe 3),  
“considerar bem em que mãos se entrega,  
porque qual o mestre tal o discípulo,  
qual o pai tal o filho”.**

**E ainda:**

**“O director deve ser não só sábio e prudente,  
mas também experimentado...  
Se o guia espiritual não tem experiência  
da vida espiritual,  
é incapaz de guiar nela as almas que, no entanto,  
Deus chama;  
nem sequer as compreenderá”.**

*(Catecismo da Igreja Católica nº 2690)*



# ISABEL DA TRINDADE:

## MÃE ESPIRITUAL DE SUA MÃE

P. MANUEL FERNANDES REIS

### Introdução

A Irmã Isabel da Trindade manteve um relacionamento de todo singular com sua Mãe, a senhora Catez. Do seu *Epistolário*, que consta de 342 cartas conservadas, 41 são dirigidas a sua mãe, curiosamente, tantas quantas endereça a sua irmã Margarida. Dentro deste âmbito familiar, conservam-se ainda uma carta aos seus avós maternos, 2 ao pai, uma às sobrinhas Isabel e Odete, uma à tia Francine, uma à tia Mathilde e 11 a ambas as tias. Percorrendo-as no que têm de calor familiar e no que dão de divino, familiarizar-nos-emos mais com a riqueza humana da sua personalidade e a teologalidade da sua missão.

Admira como uma pessoa solitária, como é o seu caso, com uma possibilidade de comunicação limitada pelos usos e costumes do Carmelo, consiga tal poder de comunicabilidade amorosa com os seus familiares, amigos e conhecidos, sem nunca esquecer ninguém, nem um nome, nem um gesto, nem uma alegria, nem uma dor, talvez, porque, nunca esquecida de Deus, Ele nunca a deixou esquecer de que é seu instrumento para com eles. Teresa de Jesus deixou escrito que «parentesco e amizades perdem-se com a falta de comunicação».<sup>1</sup> Aqui, a abundância da comunicação escrita, para além da oral, estreita mais e mais os laços da amizade familiar, que vence a distância do espaço e a ausência do tempo.

---

<sup>1</sup> TERESA DE JESUS, V 26, 9.

Uma visão sumária deste corpo de cartas, remetidas a sua mãe, permite verificar o testemunho fiel e constante do seu amor filial, em permanente tensão entre a voz do sangue e a do Espírito, até se amarem *como no céu*. À senhora Catez, custou-lhe muito pronunciar o seu «fiat» à vocação religiosa de sua filha.<sup>2</sup> Deus escolhera para ela «*la meilleure part*» no Carmelo. A sua felicidade — *mon bonheur* — em aumento, obriga-a a testemunhar sempre à mãe o seu «*merci*» e em tudo lhe «*faire bien plaisir*».

O leitor poderá, por si, aperceber-se da proximidade destas duas almas feitas de carne e espírito, de tal modo «coladas» uma à outra, que nem a distância as separa. Na verdade, Isabel segue-a, como Anjo, por toda a parte, chegando mesmo a interrogá-la se não sentia a sua oração. Não estamos diante de uma filha qualquer, nem de uma mãe qualquer, mas, no dizer de Isabel, de *uma mãe como tu, a melhor das mães*, que a leva a *perguntar-se como pôde deixar uma mãe tão boa* (C 236) e a deixar sair o *sou muito feliz por te ter por mãe* (C 325).

## «Filha de tão incomparável mãe»

Do período da sua juventude, restam apenas três cartas. A primeira, datada de 1 de Janeiro de 1889, escrita com nove anos, é para lhe desejar Bom Ano e lhe prometer que vai ser uma filha querida, sensata, obediente, mansa, alegre, modelar, veraz e, tudo isto, para lhe agradecer (C 4).

A segunda, de 31 de Dezembro do mesmo ano, deseja vir a ser uma filhinha muito doce, paciente, obediente, aplicada e mansa, exemplar para a sua irmã, para a tornar a mais feliz das mães (C 5). Repare o leitor, na orientação humana e cristã da perspectiva do seu crescimento: corresponder à expectativa de sua mãe e fazê-la felicíssima.

A terceira, de 16 de Abril de 1901, escrita desde a casa de Madame Hallo, vai dirigida às suas *duas queridas* mãe e irmã. Faz-lhe saber que, na sua despedida, ficou presa de um imenso desejo de a abraçar, mas compreendeu toda a grandeza do sacrifício, e disse a Jesus:

«*Meu Jesus, uma vez que a minha querida mãezinha não está aqui para acarinhar a sua Isabelinha, é preciso que o faças*

---

<sup>2</sup> ISABEL DA TRINDADE, P. 66, 7: Em minha alma reina uma perturbação amarga / De não poder responder ao apelo / De Jesus que me quer no Carmelo / Bem-Amado, *posso deixar minha mãe?*».

*por ela*, e se soubesses como Ele o soube fazer com toda a ternura de uma mãe! Pedi-lhe para substituir a tua filha querida que não te esquece! Posso dizer que o meu coração não vos deixa... e despede-se, dizendo-lhes novamente que não as esquece e que ninguém as substitui no seu coração» (C 46).

## «Quanto te amo!»

Em carta de 9 de Agosto de 1901, confia-lhe o seu amor, a sua gratidão e a sua felicidade, bem como o amor de Deus por ela:

«Oh! se tu soubesses *quanto te amo*... agradecida pelo seu «sim», fonte da sua felicidade no Carmelo... Oh! *Como Deus te ama*... agradece-lhe, porque me escolheu uma parte tão bela» (C 85).

No dia do seu aniversário, numa grande carta, de 13-14 de Agosto de 1901, tendo tantas coisas para lhe dizer que nem sabe por onde começar, declara-lhe que o seu coração é o ramo de flores da sua festa e recomenda-lhe que comungue mais vezes, para ter mais força e possuir o Céu na sua alma e, termina dizendo-lhe que é muito feliz, agradecendo-lhe mais uma vez por a ter dado a Deus (C 87).

No mês a seguir, em carta de 12 de Setembro, manifesta-lhe a sua preocupação pela saúde dela, não podendo deixar de lhe dizer que pensa nela e ora por ela a Deus; dá-lhe notícias suas e infunde-lhe coragem:

«Oh, repara, se soubesses *como Deus te ama!* É junto d'Ele que Isabel e sua mãezinha se encontram e *não fazem mais que um*» (C 92).

Instada pela Madre Prioressa, que compreende bem o coração das mães, comunica novamente com ela, por carta datada de 12 de Setembro de 1901, ciente de que as suas cartas a fazem feliz. Anuncia-lhe que, todas as tardes, ora por ela, junto da Mãe das Dores, para que a console das lágrimas vertidas pela sua perda. Segreda-lhe, agradecida, a sua felicidade, como que a obrigá-la a alegrar-se pela coragem do seu «*fiat*», de outra «*mater dolorosa*», bem como pelo amor que Deus e ela lhe têm, pelo qual a deixou e a deixa sem a deixar, porque a leva na alma, para junto d'Aquele que é todo Amor, porque a ama mais que nunca (C 94).

Passados três meses, em carta de 25 de Dezembro, diz-lhe que se encontra com ela em Deus, que nunca as separou, uma vez que em Deus não há separação nem distância. Mais lhe diz que continuam a amar-se

como antes, e que o Mestre a ama, fazendo-se seu filho ao chamar-lhe sua *mãe*, porque ela fez a vontade do Pai, dando-lhe a sua filha,<sup>3</sup> como pequena esposa de seu Cristo, o seu Noivo adorado (C 103).

### «Divinamente feliz com o seu Noivo»

Oito meses depois, num texto de 2 de Agosto de 1902, no aniversário da sua entrada no Carmelo, recorda-lhe que ela própria deu a *melhor das mães* a Deus, mas que, apesar da separação física, estão actualmente cada vez mais unidas. Revela-lhe que está *divinamente* feliz com o seu Noivo, que ama apaixonadamente, porque está sempre com ela, transformando-a e consumando-a na união de amor, pelo que também lhe está reconhecida de a ter feito um dom Àquele que as sustém e envolve (C 130).

Imediatamente após o casamento da irmã, em carta de 14-15 de Outubro de 1902, apressou-se em consolá-la, redizendo-lhe que Ele está com ela, bem como os ausentes, o marido no céu, ela na terra, que para os corações não há distância, e o seu, que ela deu ao Amor e Caridade, aprende a amar como Ele, melhor dito, Ele dá-lhe o seu amor para ela amar a melhor das mães (C 141). No mês seguinte, em carta de 1 de Novembro, no dia de oração pelos Defuntos, consola-a na sua solidão familiar, dizendo-lhe que não está só, que o Amigo divino está com ela e a sua Isabel também está com ela, n'Ele, sobretudo, nesses dias de comunhão de santos, felizes por ela estar no Carmelo, o Céu na fé, noiva do Cordeiro, que eles adoram na Visão e ela segue na terra (C 143), e que a guarda toda por ela (C 148).

### «Que a Virgem colme o vazio da sua solidão»

No quarto aniversário do seu *Sim* a Deus e a Isabel, em carta de Março de 1903, sente-se feliz por dizer-lhe a verdade de que o seu coração

---

<sup>3</sup> *Id.*, J (D) 105. Só a 26 de Março de 1899 é que sua mãe consentiu na sua vocação de carmelita, deixando-a entrar apenas aos 21 anos. Foram para ela dois anos de martírio escondido até ao 2 de Agosto de 1901, dia em que entrou no Carmelo.

é *um* com o dela, sem que entre elas possa haver distância. De facto, se ela conseguisse ver a sua vocação de carmelita na luz de Deus, agradecer-lhe-ia pela escolha da melhor parte para sua filha, e não andaria sombria, porque *Ele está contente com ela, ama-a, como também ela a ama* (C 159).

Mantém uma atenção especial à felicidade temporal e eterna, dos outros. No caso da mãe, como consta da carta de 13 de Agosto de 1903, sente-se feliz por poder ser instrumento do Mestre para com ela, a quem exorta a viver em *amigabilidade amorosa* com o Amigo:

«Lembras-te, nas proximidades da tua festa, com que cuidado a tua Isabel se escondia para te preparar uma linda surpresa, era tão bom dar-te alegria! Este ano, fiz também os meus preparativos, os meus *complots* com o meu divino Esposo. Ele abre-me todos os seus tesouros e é lá que me apoio para te oferecer um ramo todo divino, uma coroa que brilhará na tua frente para a eternidade, e a tua pequena, um dia, no céu, alegrar-se-á ao pensar que ajudou o Mestre a prepará-la, através do sacrifício, para te enriquecer de belos rubis. Parece-me que te amo como se ama no Céu pois, aí, não pode haver separação entre a mãezinha e eu, porque Aquele que possuo em mim, mora em si e, assim, estamos perto!... Deseja-lhe que Aquele que a tomou para Si seja sempre o Amigo em que repouso de tudo. Recomenda-lhe que viva na sua intimidade, como se vive com Aquele que se ama, num doce coração a coração, que é o segredo da felicidade de sua filha, que a abraça com todo o amor do seu coração de carmelita, que é todo dela, porque todo para Ele, todo para a Trindade» (C 170).

Dias depois, a 27 de Agosto, sente-se feliz, por vê-la passar férias felizes, junto de amigos, enquanto ela, junto do Amigo, faz subir e descer a sua oração por ela, estando tão perto uma da outra que se amam como no Céu, sem que distância alguma as possa separar (C 176).

Existiu e existe, entre mãe e filha, uma influência recíproca de enriquecimento espiritual, como se pode ver pela carta de 6 de Setembro, onde se alegra ao pensar que atrai sobre ela todo o amor de Deus. Confia-se à sua oração para que seja uma santa carmelita, ciente de que, se O ama, é graças à mãe, que orientou o coração da filha para Ele, preparando-a para o primeiro encontro em que se deram um ao outro. Agradecida por tudo o que por ela a mãe fez, quer, como ela, dá-lo às almas, fazê-lo amar (C 178).

A excepcional presença da Virgem de Lourdes, na sua cela, durante o Advento, foi-lhe graça para compreender, diz ela na carta de

31 de Dezembro, à luz da união e ausência de Jesus e Maria, a união e ausência entre ela e a sua própria mãe:

«Passei com esta querida imagem dias deliciosos na intimidade da nossa querida cela; ela disse-me tantas coisas. Verás como ela é activa. *Que ela vá a colmar o vazio da tua solidão*, dizendo-te os segredos da união. Jesus e Maria amaram-se tanto, todo o coração de um se derramou no do outro! Estou na boa escola. Ele ensina-me a amar-te como Ele amou, Ele o Deus todo Amor. Mas para fazer a vontade de seu Pai, deixou esta Mãe que amava infinitamente. Eu também te deixei por ela, mas estou mais perto de ti pois, não tenho senão um coração e uma alma com a minha mãezinha... Envia-lhe a imagem de N. Sra. de Lourdes, fazendo-a portadora de todo o afecto do seu coração para com ela» (C 188).

### «Ele quer fazer-se o Amigo»

Agradecida pela prenda de Ano Novo que a mãe lhe enviou, pergunta-lhe, na carta de 1 de Janeiro de 1904, se a Virgem fez bem o que lhe tinha recomendado, assumindo-se ela, na sua empatia, a agente daquela que chamou *activa*:

«Compreendo a tua solidão nestes dias de festa cheios de alegria» e responsabiliza-a de «saber como *Ele quer fazer-se o Amigo*, o Confidente, como Ele quer encher a sua vida com a sua divina presença, como o S. Sacramento enche a dela de céu» (C 189).

Emocionada com o nascimento de sua sobrinha, chorando de alegria, escreve-lhe a 11 de Março deste ano, chamando-lhe pela primeira vez de avozinha, para dizer a toda a família que o seu coração está com eles, com o daquela que levará o seu nome e, sobre quem, no dia do baptismo, descera a SSma. Trindade.<sup>4</sup> Consola-a, lendo-lhe o acontecimento de uma forma providencial, como dom do Amor de Cristo a sua mãe:

«Deste-lhe uma Isabel, Ele enviou-te outra (e rivalizaremos para ver quem te ama mais!). Diz-me agora que não és a mimada de Deus, e que Ele não te deu o cêntuplo que prometeu» (C 196).

---

<sup>4</sup> Recorde-se que a 21 de Novembro, compõe a sua célebre oração *Ó meu Deus, Trindade que eu adoro*.

Enquanto a mãe goza de uns dias de férias com Guida e a neta, nas montanhas da Suíça, que levam a Deus, ela, a 21 de Agosto, na do Carmelo, prisioneira do Prisioneiro, felicíssima de Deus, pede à Virgem da Assunção que lhe «revele o doce segredo da união com Deus, que faz com que através de todas as coisas se permaneça com Ele; e que é a intimidade da criança com sua mãe, da esposa com seu Esposo», junto de quem não há distância, porque o seu amor não admite separação (C 209).

### «Ela crê no Amor que Deus lhe tem»

Já de volta, vem, em Maio de 1905, a pedido da Madre, recorrer à sua habitual dedicação, com a confiança de ser atendida com *qualquer coisa*, para satisfazer a necessidade da miséria escondida de uma família protegida da Madre, ciente de que, no mês de Maio, é a divina Mãe, a portadora de todas as suas ternuras para com sua mãe (C 229).

Depois, em carta de 11/12 de Agosto de 1905, deseja-lhe que aproveite bem da sua estadia na Suíça para repousar completamente, que cuide bem de si, pense um pouco mais em si, como ela que agora passa horas deliciosas a trabalhar no jardim,<sup>5</sup> deixando-se tratar por toda a natureza, que a enche de Deus e, assim, de felicidade, calma e doce, cujo segredo, segreda ela a sua mãe, está na fé.

«Porque *acreditais*, sereis repletos de uma alegria inquebrantável nesta fonte divina: a fé. *Ela crê no amor que Deus lhe tem*, crê que este amor o trouxe à terra e à sua alma. Ela obedece ao seu mandamento de permanecer no seu amor, vivendo em intimidade com Deus, que nela mora, mais presente a ela que ela própria, mas tudo na fé pura, aliás, como a que ela teve que ter quando conduziu o seu Isaac para o imolar na montanha, gesta heróica que ficou gravada no grande livro da vida, podendo esperar, com confiança, o dia de Deus, a quem ela imolou, no altar do seu coração, a sua própria mãe, deixando-a pelo seu Esposo de sangue» (C 236).

Apesar de *levar a imagem da mãe no seu coração*, gosta de a vêr no papel, isto é, nas fotografias de família, tiradas e reveladas pelo cunhado Jorge, que a mãe lhe acaba de mandar. Diz-lhe, às claras, na carta de 17 (?) de Setembro, que a ama mais que a si própria e que estão todas, ela, a irmã

<sup>5</sup> São os primeiros sintomas da sua doença.

e as sobrinhas — de quem está muito orgulhosa — na sua alma, no santuário íntimo, onde vive dia e noite em doce intimidade com Aquele que é seu Amigo de todos os instantes. Só Deus sabe a profundidade com que as ama. Na verdade, n'Ele, sente-se junto delas, e crê-as junto de si, abraçadas no Coração do Deus todo Amor. Faz seus os desejos de S. Paulo pelos seus, orando por elas, para que os Anjos as guardem no caminho da vida, Deus as encha das riquezas da sua graça e Jesus habite, pela fé, nos seus corações, enraizando-as no amor, onde não há nem separação nem distância (C 243).

### «Como é doce viver em *sociedade* com Ele»

Excepção feita à regra da Quaresma, escreve-lhe a 14 de Março de 1906, com ordem da Madre, que tem um coração de mãe, uma vez que a necessidade obriga, a sua doença o exige, para lhe assegurar que, o seu coração de filha, está junto de sua cama, agora a orar mais intensamente por ela, reconhecendo até que, longe dela, mais que perto, a ama mais, certamente, porque o seu coração, que Deus fez tão amante, se dilatou, detrás das grades, no contacto contínuo com a Caridade, o Amor. Por isso, pode confidenciar-lhe:

«Ah, se tu soubesses *como é doce viver em “sociedade” com Ele*, não poderias mais deixar a companhia d'Ele, que está junto de ti, contente se tu o quiseses fazer um Amigo, um Confidente; quanto mais vivemos com este Hóspede divino, mãezinha, mais felizes somos, mais força temos para o sacrifício... É a lei de cá de baixo, melhor dito, foi, porque ela já não fala mais de sacrifício, uma vez que não há mais distância entre o seu coração e o da mãe, a quem, como filha, abraça e ama» (C 265).

Uma carta de sua mãe deixou-lhe uma impressão reconfortante, o que lhe causou algumas melhoras,<sup>6</sup> e, no dia de Páscoa, 15 de Abril de 1906, escreve-lhe, desde a enfermaria,<sup>7</sup> já conformada com a vontade de Deus a seu respeito, desta vez, por meio da M. Germana, começando por lhe dizer que «nunca esteve tão perto dela e que se sente como nunca *filha de tão incomparável mãe*», convidando-a a ler os acontecimentos

<sup>6</sup> A 8 de Abril, em estado agudo, recebeu a Unção dos Doentes.

<sup>7</sup> Antes do final de Março entrou na enfermaria.



dolorosos de forma gloriosa, isto é, agradecendo a Deus, que não sabe senão amar-nos, os dias de sofrimento que, sobre elas, passam como um rio de amor (C 266).

Ao corrente da *querida saúde* de sua mãe — sabe que ela sofre — a doentinha — bem cuidada pela sua Madre — revela-lhe, a 19 de Abril, uma palavrinha do seu coração, cheio de amor por ela, para a confortar.

«Se soubesses como sou feliz na solidão da minha pequena enfermaria; o meu Mestre está comigo e vivemos, noite e dia, num doce coração a coração. Aprecio ainda mais a minha felicidade de ser carmelita e agradeço a Deus a mãe que me deu a Ele... Preparemos a nossa eternidade, vivamos com Ele, porque só Ele nos pode seguir e ajudar nesta grande passagem. É um Deus de amor; não sabemos compreender até que ponto Ele nos ama, sobretudo quando nos prova» (C 267).

## «Sou a mãezinha da tua alma»

Um mês depois deixa escrito, «*começo a minha carta*<sup>8</sup> — de cerca de 27 de Maio de 1906 — *com uma declaração*».

«Desde a última vez que nos vimos, o meu amor redobrou por ti. É tão bom abrir a alma na de sua mãe e senti-la vibrar em uníssono; repara bem, parece-me que o meu amor por ti não é só o de uma filha pela melhor das mães, mas também o de uma mãe pela sua filha. Sou *a mãezinha da tua alma*; e tu quere-lo, não é verdade?... Separada de tudo, peço ao Espírito Santo que te revela esta presença de Deus em ti... Por causa de ti, estive a ver vários livros que tratam disso... Podes acreditar na minha doutrina, porque ela não é minha... Quando se tem consciência da presença de Deus na alma, dá-se uma intimidade toda de adoração; nunca se está só!... Sente que estás

---

<sup>8</sup> O leitor poderá observar nesta carta muita problemática da direcção espiritual, tema deste número da Revista de Espiritualidade: a entrevista, a abertura de alma, a empatia, a maternidade espiritual, o magistério do Espírito, a teologia dos livros, a catequese evangélica, a educação teologal, a vida teologal, o repeito pelo outro, a ascese do recolhimento orante na presença de Deus. Depois da visita que a mãe lhe fez em 17 de Maio, em que Isabel lhe abriu a sua interioridade teologal e foi compreendida — *sentiu a alma da mãe a vibrar em uníssono com a sua* — inicia-se um novo processo, melhor, inverte-se, passa-se do predomínio da mãe sobre a filha ao da filha sobre a mãe, numa amizade puramente divina. Não sem razão, esta carta, foi chamada *Catecismo da Presença de Deus* (Cf. M.M. Philippon, *A Doutrina Espiritual de S. E. da Trindade*, II, Coimbra, 1948, p. 148).

lá com Ele, e age como com um Ser que se ama; é tão simples, não são necessários grandiosos pensamentos, mas uma efusão do coração» (C 273).

Não pode deixar de atestar-lhe — a 12 de Junho de 1906 — que a ama mais que a si mesma, que está com eles, ou não fosse aquele doce lar o seu, outrora a menina da casa. Resume a sua vida no *tão grande amor* de Deus por ela e, como tal, exorta sua mãe: «vivamos com Ele como um ser amado de que não nos podemos separar». Na sua qualidade de acompanhante espiritual — «sabes que sou *a mãezinha da tua alma* e portanto estou cheia de cuidados com ela» — exige-lhe que lhe diga se tem feito *progressos no caminho do recolhimento na presença de Deus* e na fidelidade à estratégia e prática orante que lhe traçara, e exorta-a a entrar no seu pequeno reino interior para adorar o Soberano, que aí reside, como em seu próprio palácio, pois lhe deu tantas garantias do seu amor e lhe pediu, muitas vezes, ao longo da vida, que o ajudasse a levar a Cruz (C 280).

Em resposta a uma outra carta de sua mãe, que a deixou feliz, devido às boas notícias da saúde dela, a sua feliz carmelita, abre-lhe, a 16 de Junho, uma vez mais, o seu coração: «a tua filha é verdadeiramente uma criatura feliz, uma menina mimada por Deus». Repete-lhe que a ama sempre mais e admira-se como as suas Irmãs se amam umas às outras (C 285). Quando sente algumas melhoras, comunica-o imediatamente à mãe, em carta de 19 de Junho, onde lhe participa que recebeu licença de participar na Eucaristia e adorar, durante uma hora, o Santíssimo, diante de quem, como rainha, faz valer os seus direitos sobre o coração do Esposo em favor dos seus. A mãe deve agradecer a Deus o tê-la conduzido à montanha do Carmelo, onde se não puder ser mártir de sangue, quer sê-lo de amor. Despede-se assim: «pensa que Ele mora na tua alma e quer que tu permaneças com Ele para O amar e adorar» (C 287).

Lida uma carta de sua mãe, responde-lhe depressa, a 11 de Julho, ajudando-a, na sua crise de saúde, a partilhar a Cruz do Senhor. Ao tentar caminhar, faz figura de velha, o que faria rir a mãe. Não quer que chore por ela mas, como ela, olhe para o alto, o Céu, a Casa do Pai, para onde nos conduz o nosso companheiro de viagem. É com Ele com quem deve viver dentro da sua alma, fazendo actos de recolhimento na sua presença, oferecendo-lhe os seus sofrimentos, a melhor coisa que lhe podemos dar, com alegria, sem perder nenhum. Pede-lhe que obedeça à sua carmelita, *deixando-se acarinhar* por Guida, na esperança de que o bom ar do campo a restabeleça depressa, naquela vida calma e repousada. Como anjo das

suas sobrinhas, oferece por elas as suas asas, a sua oração e sofrimento e, termina, convidando a mãe a não se preocupar com a sua saúde<sup>9</sup> nem com a dela (C 295).

No dia do seu aniversário foi impedida de receber a visita de sua mãe, que estava doente. Esperava recebê-la de pé — as suas pernas fazem progressos — e sem bengala, mas não se entristece — o Mestre quer unir mãe e filha no sofrimento — porque compreende melhor que nunca, como Deus nos ama, quando nos prova, nem deixa que ela se entristeça, por ela ser uma vítima designada para sofrer pois, sente-se indigna, mas que tome parte nos sofrimentos de seu Esposo crucificado, indo com Ele à paixão dela, para ser redentora com Ele e se alegre, como mãe, pensando que Deus a predestinou e marcou com o selo da Cruz de seu Cristo. Agradece-lhe, a 18 de Julho de 1906, o livro magnífico que lhe presenteou, pois lhe é muito útil. Por fim, recomenda-lhe: «sê razoável, escuta a tua Guida para me agradar» (C 300).

### «Aproveita a tua solidão para te recolheres em Deus»

Oito dias depois, cerca de 26 de Julho, preocupa-se, a seu modo, com a saúde da mãe, dizendo-lhe que se *deixe cuidar* pelos familiares. Se Deus as une com sofrimentos físicos semelhantes é para as unir nas suas almas. Invejosa santamente da beleza da sua alma, oferece-lhe todos os seus sofrimentos, para ela ser toda de Deus. Adoutrina-a na via do recolhimento passivo.

«*Aproveita a tua solidão para te recolher com Deus*, enquanto o teu corpo repousa, pensa que Ele é o repouso da tua alma e que, como uma criança gosta de estar nos braços de sua mãe, tu também encontras o teu abandono nos braços deste Deus que te envolve por todas as partes. Não podemos sair d'Ele, mas eis que, por vezes, esquecemos a sua santa presença e deixamo-lo só para nos ocupar de coisas que não são Ele. É tão simples esta intimidade com Deus; descansa mais que cansa, como uma criança descansa sob o olhar da mãe. Oferece-lhe todos os teus sofrimentos: é uma boa maneira de

---

<sup>9</sup> Este esquecimento de si, esta despreocupação pela saúde pessoal e alheia, não é descuido em cuidar de si e dos outros, que é um dever e até penitência, mas fazê-lo com tal abandono, dizendo a Deus um *obrigado* pelo que nos acontece (C 249).

se unir a Ele e uma oração que lhe é muito agradável. E despede-se teologalmente: encontro-me contigo sob o olhar do Mestre; mantenhamo-nos muito perto d'Ele, apresentemos-lhe todas as nossas misérias de corpo e alma como outrora os doentes da Judeia iam a Ele. Uma *força secreta* sairá do Mestre e, mesmo quando não o sentirmos, acreditaremos na sua acção que é toda amor» (C 301).

### «Quereria dizer a todas as almas»

Alegra-se e dá graças a Deus pelas melhoras da mãe e pelos sofrimentos que o seu estado de saúde lhe acarreta. A 2 de Agosto de 1906, passa toda uma tarde de revisão de vida, em oração com o Mestre, repassando os cinco anos tão cheios de graças. Atribui-as ao *sim* de sua mãe, preço da sua felicidade, gosto antecipado do Céu, que a torna profeta universal da presença de Deus e da perseverança na oração.<sup>10</sup>

«Mãezinha querida, *vive com Ele*. Ah, quereria *dizer a todas as almas* que fontes de graça, de paz e também de felicidade encontrariam se *consentissem em viver nesta intimidade*. Mas só que elas *não sabem esperar*: se Deus não se dá de uma maneira sensível, *deixam a sua santa presença*, e quando Ele lhes advém armado de todos os seus dons, não encontra ninguém, a alma está fora nas coisas exteriores, não habita no fundo de si mesma! *Recolhe-te* de tempos a tempos, mãezinha, e assim estarás muito perto da tua Isabelinha» (C 302).

### «Que o Mestre te revele a sua divina presença»

A uma tão boa mãe, «que melhor não pode haver», deseja-lhe, a 13-14 de Agosto de 1906, «uma feliz e santa festa» de aniversário, pedindo à Virgem as suas melhoras, aconselhando-a a não ter cuidado *algum* com a saúde, pois está em boas mãos. Quer apropriar-se dos seus sofrimentos, mas reconhece que seria egoísmo da sua parte. O sofrimento é preciso. Quer obter-lhe a graça de o suportar com fidelidade, de o amar, e de receber cada sofrimento como um presente

<sup>10</sup> Cf. C 47; 62; 122; 127.

do amor do Pai dos Céus. Por isso, como prenda, deseja-lhe, na sua qualidade de profeta da Presença, que seja Deus, e não os intermediários, o *mensageiro da sua mensagem*,<sup>11</sup> o Director do seu espírito: «que o Pai a fortaleça interiormente, a fim de que Jesus habite pela fé no seu coração e seja enraizada no amor» e tenha «desejos infinitos como Deus».

«Oh, que *o Mestre te revele* a sua divina presença, é tão suave, tão doce, e dá tanta força à alma; *crer* que Deus nos ama até habitar em nós, e se fazer Companheiro do nosso exílio, o Confidente, o Amigo de todos os instantes...» (C 305).

### «Tiremos força da nossa união com Ele»

A Madre Germana faz excepções à regra para conceder favores a sua mãe, permitindo as conversas com a filha, em que falam d'Ele e ela dos seus projectos para a eternidade. Se «as vontades de Deus são amor» (P. Vallée), lembra-lhe que, na Eucaristia, como lhe prometeu, deve tornar-se noutra Virgem oferente das suas filhas, especialmente, desta que a 29 de Agosto de 1906 lhe escreve.

«Mãezinha querida, alegre-te ao pensar que desde a eternidade fomos conhecidos pelo Pai, como diz S. Paulo, que quer encontrar em nós a imagem de seu Filho crucificado. Oh, se soubesses como o sofrimento é necessário para fazer a obra de Deus na alma... Deus tem um imenso desejo de nos enriquecer de suas graças, mas somos nós que lhe fazemos a medida na proporção em que nos deixamos imolar por Ele, na alegria e acção de graças, como o Mestre, dizendo com Ele: *O cálice que meu Pai me preparou, não o beberei?* O Mestre, chamava à hora da sua paixão, a *sua hora*, pela qual veio, e ardentemente desejava! Quando um grande sofrimento ou um pequeno sacrifício se nos apresenta, pensemos imediatamente que *é a nossa hora*, a hora para provar o nosso amor àquele que *tanto nos amou*, diz S. Paulo. Recolhe-te toda, mãezinha, oferece um belo feixe, não perdendo o mais pequeno sacrifício pois, no Céu, serão belos rubis que enriquecerão a coroa tão bela que o teu Deus te prepara. *Eu irei ajudá-lo* a fazer este

<sup>11</sup> S. JOÃO DA CRUZ, CB 6, 7. No dizer de Isabel: *Que o Mestre te revele a sua divina presença* (C 305).

diadema e virei com Ele no dia do grande encontro para o depor na frente da minha querida mãezinha... E despede-se: amêmo-Lo em verdade, dando-lhe todos os sacrifícios grandes e pequenos que Ele nos pedir e *tiremos força da nossa união com Ele*. A alma que vive sob o olhar de Deus está revestida da sua força e é valente no sofrimento» (C 308).

## «Esta missa pode durar muito tempo»

Dez dias passados, por volta de 9 de Setembro, espera a sua nona visita, a 14 de Setembro, dia da Exaltação da Santa Cruz, como discípula do Crucificado, pela direcção de S. Paulo, S. João e sua Madre, confronta-a, novamente, com o providencial mistério da *eclesialidade da paixão* de Cristo em si, pela passividade da obediência ao Mestre, fonte da qual ressurgem a sua felicidade de esposa (Col 1, 24) e deverá surgir a de sua mãe, pela intencionalidade amorosa de consagrar a «res» mínima da vida a Deus.

«É o Santo Deus quem se compraz em imolar esta hostiazinha, mas *esta missa* que Ele diz comigo, em que o seu Amor é o padre, *pode durar muito tempo* ainda. A vitimazinha não acha longo o tempo na mão d'Aquele que a sacrifica e pode afirmar que, se ela passa pela senda do sofrimento, mais ainda permanece no caminho da felicidade, da que é verdadeira, mãezinha querida, daquela que ninguém lhe poderá tirar... Oh!, como o teu coração de mãe deveria exultar divinamente ao pensar que o Mestre se dignou escolher a tua filha, o fruto das entranhas, para o associar à grande obra da redenção, que Ele sofre nela como uma extensão da sua paixão. A esposa pertence ao Esposo, o meu tomou-me, quer que eu lhe seja uma humanidade de acréscimo na qual possa ainda sofrer pela glória do seu Pai, para ajudar às necessidades da sua Igreja; este pensamento faz-me tanto bem. A minha querida Madre conversa comigo muitas vezes e diz-me coisas tão belas sobre o sofrimento... Escuto-a fechando os olhos e esqueço que é ela, parece-me que é o meu Mestre que está junto de mim, e que vem encorajar-me, ensinando-me a levar a sua Cruz. Ora esta boa madre, que é tão arrebatadora nas vias da imolação, afinal não pensa senão em aliviar-me, o que muitas vezes lhe faço notar, mas deixo-me levar como uma criancinha: o Mestre disse à nossa Santa Madre Teresa que Ele preferia a obediência dela às penitências de uma outra santa... Tudo vai da intenção: como podemos santificar as menores

coisas, transformar os actos mais vulgares da vida em actos divinos! Uma alma que vive unida a Deus apenas pratica o sobrenatural, e as acções mais vulgares, em lugar de a separar d'Ele, pelo contrário, não fazem senão aproximá-la cada vez mais. Vivamos, assim, mãezinha, pois o Mestre ficará contente, e no entardecer de cada dia achará um feixe para ceifar em nossas almas. Amo-te como a melhor das mãezinhas, repito-te que cuides bem do teu estômago, que deixes para mim todo o sofrimento e, sobretudo, que não te preocupes. Até sexta-feira 14. Preparemos uma bela festa à Cruz pela nossa generosidade no sacrifício» (C 309).

### «A dor é a maior prova de amor»

Passados que foram doze dias, volta à carga, a 21 de Setembro, e «encontra-se novamente com ela à sombra da Cruz para aprender a ciência do sofrimento», isto «enquanto a mãe se vai ocupar em vesti-la com um roupão quente e leve, que ela lhe pede, com gratidão antecipada, ela vai trabalhar pela alma dela», testemunhando-lhe a sua *ciência da cruz*,<sup>12</sup> em primeira pessoa do singular, a fim de a preparar para a esponsabilidade na dor, semente de felicidade.

«Cada vez mais atraí-me o sofrimento; este desejo domina quase aquele do Céu que era muito forte. Nunca Deus me tinha feito compreender que *a dor é a maior prova de amor* que Ele pode dar à sua criatura. Oh, repara, a cada novo sofrimento beijo a Cruz do meu Mestre e digo-lhe: *Obrigado, não sou digna*, porque penso que o sofrimento foi a companheira da sua vida, e eu não mereço ser tratada como Ele pelo seu Pai. Falando de Jesus Cristo uma santa escrevia: *Onde habita Ele, senão na dor?*, e David cantou que esta dor era imensa como o mar. Toda a alma, esmagada pelo sofrimento, sob qualquer forma que ele se apresente, pode dizer: habito com Jesus Cristo, vivemos em intimidade, abriga-nos a mesma morada! A santa, de que te acabo de falar, diz que o sinal pelo qual reconhecemos que Deus está em nós e que o seu amor nos

<sup>12</sup> Usamos a expressão em estilo steiniano, não de ciência em sentido habitual, mas de teologia da cruz, em que o mistério da cruz é como a semente que, depositada no centro da alma, cresce, caracterizando-a nas suas manifestações de vida (Cf. EDITH STEIN, *Ciência de la Cruz*; Burgos 1989, pp. 4-5). *O viver com Deus como um amigo, avivando a fé, para comunicar com Ele em tudo, é o que faz os santos* (C 122). *Quer invocá-la cada dia comigo a fim de que ela lhe obtenha esta ciência que faz os santos, e que dá à alma tanta paz e felicidade!* (C 249).

possui, é receber não só com paciência, mas também com reconhecimento o que nos fere e nos faz sofrer. Para lá chegar, é preciso contemplar o Deus crucificado por amor, e esta contemplação, se é verdadeira, leva infalivelmente ao amor do sofrimento. Mãe querida, recebe, à luz que brilha da Cruz, toda a provação, toda a contrariedade, todo o procedimento pouco gracioso; é assim que agradamos a Deus e avançamos nas vias do amor. Oh, agradece-lhe por mim: sou *tão e tão feliz*... Queria poder semear um pouco da minha felicidade naqueles que amo» (C 314).

### «Tenta pôr a tua alegria em toda a contrariedade»

Alguns dias depois, a fins de Setembro, agradece de novo a obra que o coração de sua mãe lhe vai fazer, feliz por vir a ter qualquer coisa dela. Tranquiliza-a, a seu respeito, que outra mãe está a seu lado. Anima-a a tentar alegrar-se na dor, que conforma a Cristo, deixa doçura de paz, faz bem e dá santidade à vida.

«Tomo gosto ao meu querido Calvário e peço ao Mestre que construa a minha tenda ao lado da sua; estou ocupada com a paixão, e quando vemos tudo o que Ele sofreu por nós no seu coração, na sua alma e no seu corpo, como que temos necessidade de devolver-lhe tudo isso; parece que queremos sofrer tudo o que Ele sofreu. Não posso dizer que amo o sofrimento em si mesmo, mas amo-o, porque me torna conforme Àquele que é meu Esposo e meu Amor. Oh, repara, isto deixa na alma uma paz tão doce, uma alegria tão profunda, e acabamos por pôr a nossa felicidade em tudo o que nos contraria. Mãezinha, *tenta pôr a tua alegria*, não sensível, mas a da tua vontade, *em toda contrariedade, todo sacrifício*, e diz ao Mestre: *Não sou digna de sofrer isto por vós, não mereço esta conformidade convosco*. Verás que a minha receita é excelente, deixa uma paz deliciosa no fundo do coração, aproxima de Deus» (C 317).

Com esta excelente receita de alegria de amar em dor, própria para santos, manifesta a sua santidade, duas semanas depois, a 14 de Outubro, testemunhando que *sente melhor que nunca a sua felicidade*, apesar de sofrer muito fisicamente, o que a leva a rir-se de si mesma, com humor bem teresiano: *És tu, a feliz*. Exorta a mãe a renovar o seu sacrifício, que agrada muito a Deus, lhe atrai graças de fortaleza para o sofrimento, que ama mais e mais, e que o seu mestre não lhe poupa (C 325).



## «Faz como eu»

Na verdade, convinha que sofresse antes de entrar na glória. O seu estado piora, conforme relata na carta de 20 de Outubro de 1906, escrita dezanove dias antes da sua *partida* deste mundo. Neste clima, as guloseimas e atenções de sua mãe tocam bem fundo no seu coração, que lhe fica profundamente reconhecido. Tendo-lhe Isabel falado outrora, muitas vezes e de muitas maneiras, pelas suas numerosas e afectuosas cartas, agora, fala-lhe, nesta última, com todo o afecto humano-divino do seu coração transformado, a vontade amorosa de Deus, correspondida pelo testemunho da sua exemplariedade,<sup>13</sup> que sua mãe e todos nós, podemos imitar, por graça de Deus.

«Há um Ser que é Amor e quer que vivamos em sociedade com Ele. Oh mamã, é delicioso, é lá que me faz companhia, que me ajuda a sofrer, que me faz ultrapassar a minha dor para repousar n'Ele; faz como eu, verás como isto transforma tudo» (C 327).

## «Agradeço a Deus a mãe que me deu»

Chegamos, caro leitor, ao fim desta viagem pelo epistolário isabelino. Tivemos a preocupação de a deixar falar com sua mãe. Concluimos que, nas suas relações recíprocas, mãe e filha, foram amigas verdadeiramente inseparáveis na comunicação e comunhão do amor familiar. Pode-se ainda aferir que, filha e mãe, foram companheiras bem unidas, no espaço e no tempo, na comunicação e comunhão dos mistérios do amor, dor e alegria de Deus, que transformou a relacionalidade de suas vidas, já não *duas*, mas *uma* apenas, na carne e no espírito: *tal mãe-tal filha* e *tal filha-tal mãe*. Resta por estudar a relação com sua irmã, Guida, e demais membros, para conhecermos melhor o espectro do seu mundo familiar, dom de Deus às famílias cristãs, neste Ano Internacional da Família.

---

<sup>13</sup> Ela acreditou no Amor (1 Jo 4, 16), no *tão grande amor* (Ef 2, 4). Testemunha a sua experiência do amor de Deus (C 177) e só deseja amá-lo (C 156).

# **CENTRO DE ESPIRITUALIDADE**

Actividades para 1995

## **XII SEMANA DE ESPIRITUALIDADE**

Tema: *CONTEMPLAÇÃO*  
(Dimensão contemplativa da pessoa humana)  
Datas: 31/7 - 05 AGOSTO 1995  
21 - 26 AGOSTO 1995  
Orientam: **Padres Carmelitas Descalços**

## **VII ENCONTRO AMIGOS DE ORAR**

Tema: *ORAR CONTEMPLANDO*  
Data: 10 - 13 AGOSTO 1995  
Orientam: **Padres Carmelitas Descalços e**  
**Irmãs Carmelitas Mis. Teresianas**



**Para informações e inscrições contacte**  
P. Alpoim Alves Portugal  
Centro de Espiritualidade  
Avessadas Tel. 055. 534207 Fax 055. 534289  
4630 MARCO DE CANAVESES

# PRINCÍPIOS DE DIRECÇÃO

## ESPIRITUAL EM S. JOÃO DA CRUZ

P. AGOSTINHO REIS LEAL

Vamos ver os princípios de Direcção Espiritual que S. João da Cruz nos oferece nas suas obras.

João da Cruz quer ser o acompanhante do espiritual e ao mesmo tempo oferecer aos directores espirituais a doutrina que ele próprio qualifica de substancial e sólida para que possam exercer o seu serviço, o seu apostolado de acompanhamento pela direcção espiritual.

Na verdade, a função mais autêntica e que com maior exactidão o caracteriza, dentro e fora da Ordem que fundou, é a de formador. Procurou suavizar sempre aquilo que outros formadores menos capazes fizeram: um exemplo concreto é a formação que exerceu no noviciado de Pastrana. Foi também director de monjas e de muitos leigos, como o testemunham os processos de beatificação e canonização.

É um dever, sobretudo para quem não conhece suficientemente Santa Teresa de Jesus, trazer aqui o seu próprio testemunho. E para quem já o conhece não será demais recordá-lo.

É a apresentação *oficial* que faz deste homem que ela mesma trouxe para o mosteiro da Encarnação de Ávila por cinco anos, até que foi «raptado» pelos seus irmãos de hábito. Depois da sua fuga, Teresa

escreve umas cartas às Descalças de Beas, onde o santo Padre aproveita um descanso mais alargado no seu caminho para o Calvário e a quem vai assistir mais demoradamente. Teresa encontra nele todas as qualidades que definem um director espiritual, um director ideal.

Tem *sabedoria*, tem *experiência* e é *suave*: a Santa gosta que as pessoas sejam dirigidas assim, pouco a pouco, suavemente. «*Grande pena me causou a saída de Ávila do Padre João da Cruz*». E confessa que não encontrou ninguém como aquele de quem se proclama filha espiritual. «*Gostaria de o ter por cá, pois é um dos que mais fervor me comunicam*».<sup>1</sup> Também ficaram com muita pena todos os que já estavam habituados com ele. E finalmente exorta a que o procurem e comuniquem com ele pois já basta que o lamentem aqueles que não o podem ter. Assim escreve:

«Digo-lhes que gostaria de ter por aqui o meu Padre Frei João da Cruz que deveras o é da minha alma e um dos que o comunicar com ele mais proveito me fazia. Tratem com ele, minhas filhas, com toda a simplicidade, pois lhes asseguro que a podem ter como comigo mesma, e que lhes será causa de grande satisfação, porque é muito espiritual e de grande experiência e letras. Por cá sentem-lhe muito a falta as que estavam habituadas à sua doutrina...»<sup>2</sup>

«... Tem aí ao meu Padre Frei João da Cruz, que é um homem celestial e divino. Pois eu digo à minha filha que, depois que ele foi para aí, não encontrei outro como ele em toda a Castela, que tanto me afervore no caminho do Céu. Não calcula a solidão que me causa a sua falta.

Olhem que é um grande tesouro que têm aí nesse santo, e todas as dessa casa tratem e comuniquem com ele as coisas da sua alma e verão qual o seu aproveitamento e achar-se-ão muito adiante em tudo o que é espírito e perfeição; porque Nosso Senhor lhe deu, para isto, graça particular»<sup>3</sup>.

Se fizermos um breve percurso pelos processos de beatificação, sobretudo das Carmelitas da Encarnação, onde o Santo esteve cinco anos, encontraremos muitas e importantes confidências.

Através de algumas afirmações podemos apresentar sucintamente o pensamento de João da Cruz sobre alguns pontos.

---

<sup>1</sup> Santa Teresa de Jesus, *Obras Completas*, cf. Carta XXXI, de fins de Outubro de 1578.

<sup>2</sup> *Id.*, Carta XXXI, fins de Outubro de 1578.

<sup>3</sup> *Id.*, Carta XXXIII, de meados de Novembro de 1578.

## O verdadeiro director das almas é Deus

Esta afirmação abre-nos o caminho do seu pensamento: ninguém tem que dirigir seja quem fôr. Deus é que é o Director. Este princípio diz-nos de algo muito importante para ele, ou seja, o primado absoluto da acção de Deus na relação com Ele. Deus é o protagonista, aquele que age, quem actua. E se isto é assim, Deus é o principal agente e, conseqüentemente, o Director. É Ele quem conduz o seu povo pelo deserto. Nós só temos que ajudar a ler os desígnios de Deus.

O que é que se deve fazer quando alguém se aproxima de nós e pede para ser ajudado a discernir e ser acompanhado no seu caminho espiritual? João da Cruz responde:

«Advirtam estes tais que dirigem as almas (os directores espirituais) que o principal agente e guia e movedor delas, neste negócio, não são eles, mas o Espírito Santo, que nunca perde o cuidado delas, e que eles são apenas instrumentos para as dirigir na perfeição pela fé e lei de Deus, segundo o espírito que Deus vai dando a cada uma. E assim todos os seus cuidados se empreguem, não em as acomodar aos seus respectivos modos e condições, mas em ver se descobrem o caminho por onde Deus as leva, e se não o sabem, deixem-nas e não as perturbem».<sup>4</sup>

Isto é elementar para o Santo, e se não sabem por onde é que Deus as leva, o melhor é deixá-las, convidando-as a que outro as possa orientar.

Então podíamos dizer que pela experiência, pela ciência, pelas letras, o acompanhante espiritual tem que ser um bom leitor da acção de Deus nas pessoas, um bom leitor dos sinais dos tempos, para saber encaminhar de acordo com essas moções ou esse caminho por onde Deus quer levar essas pessoas.

## O director tem de ter um grande sentido do sujeito, da pessoa que está diante de si

Não se trata apenas de ter uns conhecimentos sobre a vida espiritual, o seu processo, desenvolvimento e progresso. Há-de-se ter um grande sentido da pessoa, daquele *tu* com quem se está. Porque qualquer coisa que

---

<sup>4</sup> Cf. S. João da Cruz, *Obras Completas*, Chama de Amor Viva (Abrev. CH) 3, 46; 2Noite Escura (Abrev. 2N) 17, 2; e CH 1, 3.

em si mesma é boa, pode deixar de o ser se a pessoa a quem se diz ainda não está em condições de a aceitar vivencialmente, mesmo sendo boa e num determinado momento lhe possa cair bem. O sentido do sujeito é, pois, muito importante para se acomodar à pessoa...

Vamos ver qual a razão fundamental da necessidade de agir desta maneira. Ouçamos o Santo:

«Porque Deus leva cada pessoa por diferentes caminhos, e é difícil encontrar uma que coincida, pelo menos em metade, com o modo de ser de outra».<sup>5</sup>

A pluralidade de situações pessoais, psicológicas, estáveis ou instáveis, ocasionais, os diferentes ritmos das pessoas, obrigam a ter um grande sentido do sujeito, a fim de não aplicarmos sempre os mesmos princípios ou receitas. Porquê? Porque Deus conduz as pessoas por muitos e diversos caminhos. E cada situação pessoal tem que ser sempre determinante para aplicar a doutrina; por isso teremos que sacrificar muitas das nossas verdades ou muitos princípios de doutrina por obrigação de atender à pessoa que ainda não está em condições de os perceber e aceitar.

A direcção espiritual, ou acompanhamento pessoal, tem de responder às necessidades e estado concretos da pessoa. Daí o dever prioritário de prestar atenção e ouvir a pessoa que temos à nossa frente.

Nunca se deve impôr à pessoa nada que não esteja já no seu interior. Ela deverá sentir que aquilo que vai fazer nasceu de si própria; caso contrário, já está condenada ao fracasso:

«...logo que a vontade sente o gosto do que ouve, vê e trata, eleva-se para Deus..., pois há muitas almas que se movem muito em Deus pelos objectos sensíveis».<sup>6</sup>

Acomodar-se ao sujeito, porquê? Eis a razão teológica fundamental: porque o próprio Deus acomodou-se a nós. A tese dos escritos de João da Cruz é a seguinte: Deus conduz o homem até Si ao modo do homem. Deus submete-se ao homem, tem paciência — que por vezes não gostaria que fosse tanta — e acomoda-se sempre a nós, às pessoas. É condescendente com a nossa debilidade humana e aceita a nossa maneira de ser.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> CH 3, 59.

<sup>6</sup> 3N 24,4.

<sup>7</sup> Cf. 2N 17.

Ora sendo o director espiritual aquele que faz as vezes de Deus, isto é, o mediador de Deus, deve também ele, através do seu comportamento, acomodar-se à pessoa. Acomodar-se significa ser testemunha do Deus que primeiro se acomoda a nós. Porém, a última palavra é sempre a do outro, uma vez que tem de ser ele o responsável.

## **O director tem de conhecer o processo espiritual**

O Santo diz que os directores espirituais devem conhecer os graus de oração (processo espiritual), a fim de não repetirem simplesmente o que já outros disseram, ou não recorrerem apenas a uns conselhos comuns, como por exemplo, mandar fazer oração, quando seria preciso até, por vezes, recomendar o contrário:

«E, assim, não conhecendo estes tais directores os graus de oração nem as vias do espírito, não caem na conta de que já passou o tempo desses actos que eles aconselham à alma e esse modo de caminhar a passo da meditação discursiva, pois essa alma já chegou à negação e silêncio do sentido e do discurso».<sup>8</sup>

É preciso conhecer o processo ou caminho espiritual das pessoas, do qual os santos do Carmelo nos deixaram uma descrição muito pormenorizada e certa, para adequar o seu comportamento à situação espiritual em que se encontram.

O director deverá possuir um conhecimento intelectual do processo espiritual a fim de saber reconhecer nesse processo o lugar e o momento em que a pessoa que acompanha se encontra. O seu desconhecimento poderá trazer à pessoa grandes danos e até mesmo impedir-lhe o crescimento espiritual.

Poderíamos iluminar este pensamento de João da Cruz recorrendo ao caso e experiência pessoal de Teresa de Jesus para avaliar do contraste entre dois comportamentos que experimenta. Ela está a viver um momento no seu processo espiritual fortemente caracterizado por uma chuva de graças místicas. Decide encontrar-se com o padre Gaspar Daza que, em Ávila, gozava de muita fama. Este dá-lhe uns tantos conselhos e propõe-lhe o programa que ele próprio está a seguir no seu caminho espiritual. Teresa

---

<sup>8</sup> CH 3, 44.

reage, logo a seguir, formulando o seguinte juízo: «*Enfim, entendi que não era pelos meios que ele me dava por onde eu me havia de remediar*», pois vi que essas formas e conteúdos de direcção espiritual não me iriam ajudar ou trazer-me qualquer espécie de proveito. «*E creio que, se tratasse apenas com ele, certamente nunca medraria a minha alma... A aflicção que me dava por ver que eu não fazia — nem me parece podia — o que ele me dizia, bastava para perder a esperança e deixar tudo*».<sup>9</sup> Por causa disto poderíamos ter ficado sem Santa Teresa na história da humanidade.

Fixemo-nos nas consequências que uma actuação menos adequada pode causar, e só por não se ter consciência quer do processo espiritual quer do sujeito, no caso presente, a pessoa de Teresa de Jesus. Por isso, ela procura outro sacerdote, o ainda jovem Diego de Cetina, por quem se sentiu compreendida: «*Que grande coisa é entender uma alma!*»<sup>10</sup> E faz o seguinte juízo acerca da direcção do P. Diego de Cetina:

«Ficou minha alma tão branda desta confissão, que parecia não havia coisa a que não me dispusesse; e assim comecei a mudar em muitas coisas, ainda que o confessor não apertasse comigo, antes parecia fazer pouco caso de tudo. Com isto movia-me mais, porque me levava por via de amar a Deus e como quem me deixava liberdade e não me constringia, se a isto me não pusesse por amor».<sup>11</sup>

S. João da Cruz, sobre a importância destes dois aspectos, recomenda ainda ao director espiritual: «*E assim a este tempo há-de levar a alma por um modo totalmente contrário ao primeiro*».<sup>12</sup> Depois de João da Cruz ter falado tantas vezes de «*não entendendo o confessor tal coisa*», «*não entendendo a doutrina sobre a oração*», não nos admira nada que acabe por fazer os mais severos juízos sobre certa direcção espiritual e não ilibar de culpa os directores espirituais devido à sua ignorância.

## O confessor é apenas um instrumento

Realmente o confessor pode ser um instrumento durante algum tempo e depois deixar de o ser, a partir do momento em que sentir já não

<sup>9</sup> *Vida* 23, 8-9.

<sup>10</sup> *Ibid.*, 23, 17.

<sup>11</sup> *Ibid.*, 24, 1.

<sup>12</sup> *CH* 3, 33.



poder fazer o acompanhamento espiritual. Enquanto instrumento deve, como diz o Santo: «*contentar-se com dispor as almas para a acção de Deus*». Ou seja, dispor a pessoa para que se deixe *fazer* por Deus.<sup>13</sup>

Porque nem todas as pessoas têm capacidade para acompanharem espiritualmente outras ou conhecerem os caminhos de Deus, João da Cruz volta a insistir na consciência de ser instrumento como condição necessária para se situar como mediador entre Deus e a pessoa.

O director em relação a Deus terá que adoptar uma atitude de abertura e combater a pretensão de O substituir; em relação à pessoa que acompanha deverá libertar-se da tentação de requerer para si toda a atenção, porque a sua função é somente a de ser um instrumento que remete para o Outro ajudando a ler o que Deus já está a realizar.

Esta consciência de ser instrumento é ainda importante porque sabemos, pela própria experiência de acompanhantes, quão facilmente os directores espirituais podem tornar-se donos e senhores da vontade do outro, sobretudo em momentos de propensão mais negativa. Somente acreditando no poder e na acção misericordiosa de Deus poderemos tratar o outro com suma benignidade e paciência, porque é nesta relação pessoal que oferecemos a imagem negativa ou positiva de Deus.

São sumamente importantes para o director espiritual os capítulos 18 a 22 do segundo livro da *Subida do Monte Carmelo*, onde o Santo apresenta o conteúdo e o valor da relação humana na direcção:

«Convirá que os padres espirituais não lhe mostrem desabrimento... mas antes ir com muita benignidade e sossego, dando-lhes ânimo e saída para que o digam; e até se for mister, pondo-lhes preceito, porque, às vezes, na dificuldade que algumas almas sentem em tratá-lo, tudo é mister».<sup>14</sup>

João da Cruz estabelece dois princípios para esta relação: o acompanhado deve dizer tudo o que lhe vai na alma; o acompanhante deve mostrar-se paciente e sem rudeza a fim de conseguir uma abertura total, sobretudo das pessoas que sentem mais dificuldade em o fazer.

Toda a direcção espiritual deverá atender ao seguinte conteúdo: «*Encaminhem-nas em fé*», ensinando-as de boamente «*a desviar os*

<sup>13</sup> *Ibid.*, 3, 47; Cf. também CH 3, 57-58.

<sup>14</sup> 2S 22, 19.

*olhos de todas aquelas coisas (místicas)*», que se forem de Deus não deixarão de produzir o seu efeito.

A atitude de ser mediador de Deus consiste em referir sempre tudo a Ele, pôr os olhos somente n'Ele. Na aplicação desta atitude ou comportamento o director deve ser claro e firme.

a) Não mostrar maior interesse por essas graças místicas, espirituais, extraordinárias, porque atentam contra a fé e levam as pessoas a pôr os olhos nelas. E os olhos têm que ser postos na Pessoa, n'Aquele que dá, valorizando-se deste modo mais a graça. Estas graças são apenas *a casca*<sup>15</sup> dessa realidade evangélica que é o seguimento de Jesus.

b) Não falar muito desses fenómenos, porque, por vezes, a melhor resposta é calar-se, não perguntar, não dar importância ao que se está a passar. João da Cruz aconselha o *recato, retraimento*. Recato significa muita prudência, desinteressar-se, muita discricção, não aprofundar o que está a acontecer. Deve-se praticar antes um silêncio amoroso e compreensivo que, no entanto, revele à pessoa que não vamos por esses caminhos, que é de somenos importância o que está a relatar. Porquê? Porque a direcção espiritual consiste principalmente não em analisar certos fenómenos ou coisas extraordinárias, mas as ordinárias. Por isso não se deve fazer caso destas coisas, mas antes ver e distinguir o que é graça de Deus e o que é simplesmente natural.<sup>16</sup>

c) Ser incrédulos diante das coisas sobrenaturais ou, como diz textualmente o Santo, «*não crer nas pessoas que falam nestes termos com tanta convicção*». É uma expressão do Santo que significa acreditar sem mais e às cegas em tudo o que se apresenta como sobrenatural.

d) Pôr os olhos na fé e edificar na fé. Quer dizer, chamar a atenção sobre aquilo que real e substancialmente é importante, pois é a melhor maneira de tratar estas coisas de tipo sobrenatural, sobretudo quando há nas pessoas certa inclinação para tais fenómenos. Temos de ver realmente que a acção de Deus, quando é Sua, gera na pessoa um movimento para comunicar a quem convém e aceitar o juízo dessa

---

<sup>15</sup> Cf. *Ibid.*, 18, 3 e 17, 9.

<sup>16</sup> Em *CH* 3, 32-67, João da Cruz fala abundantemente do director espiritual e explicitamente nos nn. 30-62. São dedicados a falar do Demónio os números 63-65, e sobre a própria pessoa os números 66-67. Dizem coisas muito importantes sobre o director, sobre a sua ignorância, a sua falta de experiência e a pressão que se exerce sobre as pessoas quando não se deixam em liberdade.

pessoa qualificada. A graça espiritual, mística, nunca se deve antecipar ao juízo objectivo que possa vir da comunidade.

e) Atender sempre muito mais à razão do que a sentimentos ou sensações, porque tudo o que se possa fazer «*por engenho e conselho humano*», não o fará nem dirá Deus. Por isso têm de se *pôr em razão* os sentimentos, *pôr em razão* os sentidos, *pôr em razão* as paixões... porque Deus quer que nos deixemos guiar sempre de acordo com a razão. O motivo pelo qual João da Cruz insiste constantemente para tudo submeter à razão reside no facto de que as graças espirituais têm uma dimensão experiencial, afectiva, emocional, etc.<sup>17</sup>

E porquê tem de passar tudo pela razão? Simplesmente porque Deus não se pode contradizer. Ele deu-nos a razão com a capacidade de compreender por si mesma que uma situação pode ultrapassá-la mas não contra-dizê-la. É isto o que pretendemos dizer quando afirmamos que uma coisa é razoável. Não se entende, mas é razoável; está para além da razão, mas acreditamos porque é razoável.

## As três qualidades do director espiritual

«*Ser sábio, discreto e experiente. Porque para guiar o espírito, embora o fundamento seja o saber e a discrição, se não tem experiência do que é puro e verdadeiro espírito, não atinará a encaminhar a alma nele, quando Deus lho dá, nem ainda o poderia entender*».<sup>18</sup>

O director deverá ter conhecimentos de teologia espiritual, pois os seus textos, recolhendo a experiência da história e a sabedoria dos Santos, oferecem-nos os princípios necessários para um comportamento acertado.

Na aplicação dos princípios doutrinais deverá ser discreto, isto é, atender à realidade concreta da pessoa. Nunca se deve ocultar um princípio; contudo, só se deve aplicar quando se compreende que a pessoa está numa atitude de aceitação. Discreto é aquele que sabe conjugar a rigidez dos princípios com a flexibilidade da vida. Um bom

---

<sup>17</sup> Em relação aos sentidos cf. *Cântico Espiritual* 18, 3-45; acerca das paixões cf. 3S 16, 5; e sobre o valor da razão cf. 2S 22, 9.

<sup>18</sup> CH 3, 30.

legislador é aquele que sabe fazer exceções. A lei continua a ser lei, mas a pessoa está sempre em primeiro lugar.

A experiência só é válida quando intelectualmente interpretada. Uma coisa é ser uma pessoa de experiência, e outra coisa é ter experiências. A experiência tem que ser intelectualmente discernida, através do diálogo com a teologia, isto é, com a reflexão que a Igreja vem fazendo sobre a experiência dos seus filhos. Então a experiência não é uma experiência pura e abstracta mas intelectualmente discernida e interpretada.

Por vezes podemos ouvir dizer: «Padre, disse o que eu não saberia dizer, mas é isso o que realmente me acontece». Enquanto não tivermos incorporado uma experiência não nos poderemos servir dela. E por isso é conveniente ter a iluminação intelectual da doutrina, da leitura, da partilha de experiências, para podermos ler intelectualmente a nossa experiência pessoal, ou a de outras pessoas, e então já nos servirão como directores para acompanhar outras pessoas.

Uma experiência intelectualmente não discernida, não interpretada, não pode servir para acompanhar quem quer que seja. Apenas nos pode servir para entender o que alguém nos diz.

É interessante recordarmos aqui o caso teresiano: em Teresa de Jesus existe uma graduação da experiência: durante uns anos ela tem experiência mas não a sabe ler. Lê o livro da *Subida do Monte Sião* de Bernardino de Laredo e sublinha algumas passagens que parecem expressar o que ela própria está a viver. Depois de algum tempo, ela já é capaz de entender a sua experiência apesar de não a saber ainda contar. Por fim chega o momento em que ela própria a sabe ler, interpretar e contar.

Realmente, quando um acompanhante espiritual, com muita discrição e cuidado, é capaz de dizer à pessoa a quem dirige o que lhe está a acontecer, normalmente está a abrir um caminho de luz à pessoa. Deste modo acelera o processo de conversão, faz-lhe ver o que já acontece nela, dinamiza a sua vida espiritual.

S. João da Cruz era, na verdade, um homem de uma grande experiência pessoal. Sem entender esta não podemos compreender os seus livros. Além disso, possui uma grande capacidade de síntese e é um autêntico artista da comunicação.

Só um mestre excepcional é capaz de penetrar nos caminhos do espírito. Porquê? Porque na sua pessoa estão simultaneamente

presentes as três qualidades que tanto João da Cruz como Teresa de Jesus assinalam. O Santo privilegia a experiência sobre as letras, a Santa privilegia as letras sobre a experiência. Santa Teresa ficou verdadeiramente fascinada com João da Cruz desde o primeiro momento que o conheceu, em 1567, pouco depois da sua ordenação, contando este apenas 25 anos de idade. Quando Teresa foi eleita priora do mosteiro da Encarnação, tinha João da Cruz 32 anos; apesar de ser ainda muito jovem, a Santa não duvidou em convidá-lo para confessor das 180 monjas do mosteiro. Graças aos dois, rapidamente a Comunidade se recompôs espiritualmente.

## Conclusões

Ainda hoje, quando existem muitas pessoas sem director espiritual, nós podemos contar com a ajuda de João da Cruz. As suas obras são a presença viva do saber e experiência dum verdadeiro mestre do espírito.

Necessariamente não tem que se identificar o confessor com o director espiritual. Não se deve clericalizar a função do director espiritual, como quase sempre se fez na Igreja. A vocação sacerdotal não está intrinsecamente unida ao ministério de director espiritual. Um bom livro, um grupo espiritual dialogante e aberto, um bom amigo, mesmo que seja um leigo, podem ser o acompanhante espiritual. Contudo, não é director espiritual quem, simplesmente, o quer ser ou mesmo quem, apenas, o afirma ser.

O mestre ou acompanhante espiritual tem de adoptar sempre uma atitude de fé porque o ministério que exerce é teologal. Somos ministros, servidores de uma palavra teologal que aceitamos em fé e em fé havemos de convidar a que os outros a recebam também.

O P. Lucien Marie no seu livro *L'Experience de Dieu*, escreve que a fé é, segundo João da Cruz, o alimento essencial da direcção espiritual. E isto é evidente, porque a fé é o «único meio próximo para se unir a Deus», e não há outro. Esta visão da fé foi-nos apresentada logo no Prólogo do seu primeiro livro *Subida do Monte Carmelo*, quando expõe a razão pela qual escreve:

... Pela muita necessidade que têm muitas almas... e querendo Nosso Senhor pô-las nesta noite escura para, por meio dela, passarem à divina união elas não passam adiante...: às vezes por não quererem entrar ou não se deixarem meter nela; outras por não se entenderem e faltarem-lhes guias idóneos e atentos que as guiem até ao cume.<sup>19</sup>

Perante as situações concretas de muitas almas podem fazer-se muitas leituras, mas só uma é válida: a da fé. Ao terminar o n. 4 do Prólogo da *Subida do Monte Carmelo* diz que haverá pessoas que estão em *escura contemplação e segura*, cheias de *escuridão e trabalhos, apertos e tentações*, que recebem como resposta diferentes explicações, isto é, várias leituras:

«...Que é melancolia, desconsolo, temperamento ou que poderá ser alguma malícia oculta sua e que por isso a deixou Deus.

E haverá também quem lhe diga que volta atrás, pois não acha gosto e consolação como dantes, nas coisas de Deus. E redobram assim os trabalhos da pobre alma... crucificando-a de novo».<sup>20</sup>

Não é tempo nem de uma coisa nem de outra. Daí outro conselho que todos os directores espirituais devem saber muito bem à hora de tratarem com aqueles que os procuram. Não é tempo de aconselhar isto ou aquilo; o que foi bom e aconselhável num determinado tempo pode não o ser agora; é preciso ater-se sempre ao que de novo acontece, à nova situação da pessoa.

«E assim, aquele que erra temerariamente, estando obrigado a acertar, como cada um está no seu ofício, não passará sem castigo, segundo o dano que causou. Porque os negócios de Deus com muito tento e de olhos bem abertos se hão-de tratar, mormente em caso de tanta importância e em negócio tão delicado como é o destas almas, que implica um lucro quase infinito se acertamos, e uma perda quase infinita se erramos».<sup>21</sup>

«Desta maneira, semelhantes directores são cegos que podem estorvar a vida da alma, que é o Espírito Santo, o que acontece a muitos deles e de muitas mais maneiras do que as que ficam aqui ditas; uns sabendo, outros não sabendo, mas uns e outros não ficarão sem castigo, porque por ofício estão obrigados a saber e a olhar ao que fazem».<sup>22</sup>

<sup>19</sup> *IS P*, 3.

<sup>20</sup> *Ibid.*, P, 4.

<sup>21</sup> *CH 3*, 56.

<sup>22</sup> *Ibid.*, 3, 62.

# MANUEL BERNARDES

Oratoriano, teólogo contemplativo, mestre de oração  
e de expressão literária

BERTRAND DE MARGERIE

Com o Padre Manuel Bernardes (1644-1710), atingimos o nível supremo e insuperável ao mesmo tempo da ascética e mística e do estilo na história literária de Portugal, ao lado de Tomé de Jesus.

Depois dos seus estudos na universidade de Coimbra, Bernardes entra no Oratório em 1674, com a idade de 30 anos. Uma vocação tardia. A sua vida, depois de terminados os estudos, desenvolver-se-á sempre em Lisboa, onde se revelou como pregador muito apreciado ao mesmo tempo que escrevia os seus tratados de espiritualidade.

Os seus contemporâneos consideravam-no introvertido ao contrário do P. Manuel Vieira, que era extrovertido:

«Vieira ainda falando do Céu tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes, ainda falando das criaturas, estava absorto no Criador. Vieira vive para fora: cidade, corte, mundo; Bernardes para a cela, para si, para o seu coração».<sup>1</sup>

Aliás, sem qualquer espécie de egoísmo, Bernardes queria introduzir a cidade, a corte e até mesmo o mundo na prática da oração, em conformidade com a sua vocação de oratoriano: orador orante, ele punha o seu talento oratório e, de

---

<sup>1</sup> António Álvaro Doria, art. «Manuel Bernardes», em *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa*, dir. João José Cochofel, vol. I, s.l. (Lisboa), s.d. (1977) pp. 698-701. Ver também o art. «Bernardes, Manuel», por José Adriano de Freitas Carvalho no *DHIP* III (1983) pp. 32-37.

certo modo, a sua oração, ao serviço dos outros. Ninguém soube compreendê-lo e mostrá-lo tão bem como a professora Maria Lucília Gonçalves Pires.<sup>2</sup>

Os últimos anos de Manuel Bernardes ficaram marcados pelo seu regresso à infância: o admirado mestre perdeu o uso das suas faculdades; mas a publicação recente de uma biografia primitiva<sup>3</sup> revela-nos o espantoso fundo espiritual deste fim tão inesperado.

O conjunto destes dados traça-nos as grandes linhas da ordem a seguir na apresentação do pensamento de Manuel Bernardes: abordaremos sucessivamente o fundamento antropológico da oração, o mestre de oração, o teólogo espiritual e contemplativo da Virgem, o mestre eminente da língua portuguesa, para evocar por fim o juízo crítico da posteridade a seu respeito.

## ***Preâmbulo. O fundamento antropológico da oração***

Com os seus escritos, Manuel Bernardes ensina-nos a rezar fazendo-nos participar da sua vida de orante e das numerosas orações que põe à nossa disposição (poderíamos fazer uma recolha das suas orações espalhadas ao longo de toda a sua obra). Mas ele quer, antes de mais, facilitar-nos a oração mostrando a parte da nossa alma cuja função própria é a união com Deus.

Por isso é que, em *Luz e Calor*, nos recorda os dados antropológicos que recebeu dos seus mestres em filosofia cristã: a alma é sensível, racional, espiritual; ela pode, por isso, exercitar-se nas operações dos sentidos, da razão, do espírito. Na terceira lição ou «*doutrina*» da primeira parte desta obra Bernardes analisa o papel destas faculdades e operações na vida espiritual. Ele descreve a «*anatomia natural do Homem interno*». Contentemo-nos em recordar aqui alguns extractos dos parágrafos 48-50:

«A Terceira e mais sublime região do Homem interno é o mesmo racional... quanto à sua parte superior. Tem esta entre os Autores místicos (que são os que mais a conhecem) vários nomes como são Inteligência, Mente, Sombra do entendimento angélico, Ápice ou ponta do espírito, Cintila da razão eterna... Aqui está aquele hábito, que dizíamos, dos primeiros princípios especulativos, e a Sinderésis de que se forma a consciência. Aqui são os ilapsos e comunicações de Deus, embebendo-se no espírito, e apossando-se dele, como o raio

<sup>2</sup> M. L. Gonçalves Pires, *Para uma leitura inter-textual de «Exercícios Espirituais» do Padre Manuel Bernardes*, INIC, Lisboa, s.d., 293 pp. Abrev.: MLGP, EEMB.

<sup>3</sup> Citado por Ebion de Lima, *O Padre Manuel Bernardes. Sua vida, obra e doutrina espiritual*, Lisboa-Rio de Janeiro, 1969. Ver nota 7.



da luz repassa o cristal e o transfigura na mesma luz. Aqui se obram os actos de contemplação infusa, que são dois: um da parte superior do entendimento suspenso e fíto em ver os admiráveis espectáculos de Deus; outro da parte superior da vontade, que é a experiência saborosa do espírito, que sente e toca a Deus e dele é tocado.

...Para que mais nos excitemos ao desejo de viver nesta puríssima região, porei aqui algumas palavras [de] Ludovico Blósio (*Instit. espir.*, c. 12): “Poucos são os que conhecem esta... simples inteligência, ápice do espírito e oculto fundo da alma; antes os mais dos homens mal se poderão persuadir que tal fundo em nós haja, porquanto é mais sublime e interior que as três virtudes ou forças espirituais da alma [memória, entendimento, vontade] pois delas é origem. Este fundo ou centro é totalmente simples, essencial e uniforme... Aqui há tranquilidade suma e sumo silêncio, porque nenhuma imagem pode aqui chegar... Este fundo, fica elevado sobre todos os sentidos e potências e excede toda a razão de lugar e tempo, permanecendo unido perpetuamente a Deus, seu princípio. E contudo está essencialmente dentro em nós, porque é o abismo da mesma alma e sua essência íntima...” Ó fundo preciosíssimo em que a Santíssima Trindade habita e onde se prova o sabor da eternidade bem-aventurada!»

Em suma, mesmo sendo verdade, como diz R. Ricard, que estas páginas são pouco originais,<sup>4</sup> elas têm a vantagem de nos sugerirem um esforço de conhecimento de nós mesmos com vistas ao exercício das nossas faculdades superiores, em direcção ao seu Objecto supremo, o Ser divino. Sublinham o perigo que representa para nós o vivermos abaixo de nós mesmos. Mostram, na oração, o exercício supremo do agir humano. Manifestam o ponto firme imanente da orientação activa para o Transcendente e o Eterno. Significam que a oração, longe de ser estranha à nossa alma, manifesta a sua aspiração profunda. Dizem-nos: se queres aprender a orar, começa por reconhecer no mais íntimo da tua alma imortal o Deus eterno e imenso.

## Bernardes quer ensinar-nos a orar

Do nosso autor publicaram-se, quer em vida ou após a sua morte, numerosas obras sobre a oração,<sup>5</sup> e podemos dizer que todos os seus livros

<sup>4</sup> R. Ricard, «Un Traité portugais de spiritualité à l'époque du quiétisme: “Luz e Calor” de Manuel Bernardes (1696)», *Revue d'Ascétique et de Mystique* 137 (1959), pp. 43-59; o autor apresenta pormenorizadamente a importante obra que é *Luz e Calor*.

<sup>5</sup> Designadamente, além dos que serão aqui citados, *Exercícios espirituais e meditações de via*

querem, duma maneira ou de outra, iniciar os cristãos, e mesmo todos os seus leitores, na oração. Ele foi um mestre de oração pela palavra, e continua a sê-lo pela sua pluma.

Ele foi fiel, extraordinariamente fiel, ao carisma próprio do seu Instituto. Os estatutos do Oratório em Portugal previam, entre as actividades dos seus membros, a leitura espiritual, o ministério da confissão, a pregação de missões dentro e fora do reino; mas o mais fundamental de todos estes «exercícios espirituais» — se pusermos de lado a vida sacramental — é, tanto no ministério pastoral junto do próximo a formar, como no caminho da perfeição pessoal, o da oração mental, do diálogo com Deus. A leitura espiritual prepara-o; o recurso ao sacramento da penitência permite o seu crescimento mais rápido.

Daí a insistência dos Estatutos do Oratório em Portugal:

«Começando pela Oração mental como fundamento de toda a reforma e perfeição da vida espiritual, terão os nossos congregados pela manhã uma hora de oração... Terão à tarde mais meia hora da mesma oração... Darão os nossos congregados o mais tempo livre das suas ocupações à prática deste santo exercício... como homens que hão-de ter por ofício inculcá-lo e ensiná-lo aos outros».<sup>6</sup>

Daí também, para cada membro do Oratório, a obrigação de um retiro anual de nove dias — graças ao qual temos hoje à nossa disposição todo um tratado de Bernardes destinado a facilitá-lo.

Vemos, portanto, que a oração mental é o centro da espiritualidade pessoal de cada membro do Oratório, a base de todo o edifício que ele quer construir. Ela é mesmo apresentada como «refúgio para consolação e aproveitamento» das almas.<sup>7</sup>

Assim foi o programa que formou, conformou e transformou a vida de Manuel Bernardes. As revelações contidas na primeira biografia de Bernardes, escrita por um dos seus contemporâneos, também oratoriano, Bernardo Lopes,<sup>8</sup> deixa-nos ver no nosso herói um contemplativo dotado duma oração extraordinária. É mesmo provável que este parágrafo venha ajudar os historiadores do futuro a ultrapassar a controvérsia entre autores<sup>9</sup> sobre um ponto preciso: Bernardes é um asceta ou um místico?

---

*purgativa*, Lisboa 1686; *Direcção para ter os nove dias de exercícios espirituais*, Lisboa 1725; *Meditações sobre os 4 novíssimos do homem*, Lisboa 1796. Usamos aqui a edição em cinco volumes das *Obras (completas)* de Bernardes publicada por Lello, Porto 1974. Abrev.: OC.

<sup>6</sup> MLGP, EEMB, p. 50; citando *Estatutos*, n.º 1.

<sup>7</sup> MLGP, EEMB, p. 51.

<sup>8</sup> Ebion de Lima (citado na nota 3), p. 14, par. 2.

<sup>9</sup> Por exemplo, entre João David Pinto Correia, *Luz e Calor do Padre Manuel Bernardes*:

Manuel Bernardes deixou-nos em *Luz e Calor* como nos seus *Sermões e Práticas* inumeráveis e admiráveis elevações e orações pessoais. Através delas comunica-nos e põe à nossa disposição os ímpetus da sua alma infatigável na direcção do Deus que se lhe manifesta. A beleza da expressão e do ritmo revela a profundidade e a subtileza do pensamento. Demos alguns exemplos acerca disso. Neles veremos claramente a forma harmoniosa como o autor passa do discurso sobre Jesus ao discurso a Jesus:

«É próprio de quem espera pôr-se à porta. O mendigo põe-se à porta do rico, esperando a esmola; o litigante à do ministro, esperando o despacho; o amante à da esposa, esperando a fala. Logo se neste mundo só vivo das esperanças de algum dia ver a Deus... quero pôr-me também às portas da Divindade que espero se me há-de revelar. Quais são estas, senão as preciosas chagas de meu Jesus crucificado? Cinco são as portas deste sagrado Templo; dai-me, Senhor, licença para me chegar à principal, não porque eu me veja mais digno, senão porque a vejo mais aberta...

...Adoro-te e glorifico-te, ó Chaga amorosíssima e suavíssima; em ti assento os fundamentos da minha esperança, porque tu verdadeiramente és a porta do fundamento (II Paral. 2, 3, 5); pois de ti saiu Sangue e Água: Sangue que é o fundamento da nossa Redenção, e Água que representa o Baptismo, fundamento de toda a Religião Cristã».<sup>10</sup>

Depois de uma série de três belas «estrofes» (em prosa!) intermédias, dirigidas sempre à Chaga do Lado, o adorador conclui retomando a maior parte das numerosas imagens do princípio e apresenta-se sucessivamente como um mendigo, um litigante, um pretendente, um amante:

«Agora, Senhor, já que estou aqui à vossa porta como mendigo, mandai-me dar esmola da vossa graça; não despidais este pobre desconsolado. Já que espero à vossa porta, como litigante, ou pretendente, sede servido de despachar minhas súplicas, fundadas na vossa justiça que me concedestes por vossa misericórdia.

Peço, amorosíssimo Jesus, que me ponhais no número de vossos fiéis servos; peço que me deis coração benigno, manso, fiel, humilde, sofredor e constante; peço que se logre em minha alma o fruto dos Sacramentos que desse Lado saíram.

Finalmente, já que estou à vossa porta esperando como amante (ou como quem o deseja ser), abri-me, Senhor, e fazei-

*Estrutura e Discurso*, Coimbra 1978, e M.L. Gonçalves Pires.

<sup>10</sup> *Luz e Calor* (Abrev. LC), II, Solilóquio XV, par. 390, OCII, p. 336. Notemos a ausência curiosa da alusão à Eucaristia, a propósito do Sangue.

me digno de que ouça eu a vossa voz suave e doce, e de que sinta a vossa presença santa e amável; para que me unais convosco por transformação de amor perfeito».<sup>11</sup>

Bernardes está todo ali: o jogo contínuo de imagens que se sucedem em cascatas como as alusões doutrinárias e sublimes que as entrecortam (aqui as virtudes morais, os sacramentos, a presença sobrenatural, a transformação das virtudes morais pelo amor perfeito de união com Cristo). Podemos observar ainda a arte com que se combinam os ritmos binário e ternário na mesma frase, bem como as repetições e variantes.<sup>12</sup> Nem sequer faltam as delicadezas especulativas como aquela que fundamenta a justiça, o direito de uma súplica ser atendida, na misericordiosa concessão desta justiça. Noutros termos: Cristo, na sua misericórdia, faz-nos participar nos méritos da sua justiça para com o Pai e obtém-nos assim os dons que pedimos («*minhas súplicas, fundadas na vossa justiça que me concedestes por vossa misericórdia*»). Como resistir ao encanto fascinante deste conjunto ao mesmo tempo tão simples e tão complexo?

A extrema sensibilidade e a imaginação tão rica do nosso poeta prosador sintetizam os diversos graus da compaixão e as imagens de todos os sentidos:

«Vossos olhos choraram compassivos sobre Jerusalém, que vos desconheceu ingrata; vossos ouvidos admitiram as petições e lástimas dos necessitados; vossa língua falou palavras de vida eterna, promulgou a lei da Graça, anunciou o Reino dos Céus; vossa saliva serviu de unguir e alumiar o cego de sua nascença; vosso alento assoprou sobre os Apóstolos, comunicando-lhes o Espírito Santo; vosso seio serviu de reclinatório ao Discípulo amado, para lhe pegardes vossa pureza e revelardes os segredos do Céu; vossas mãos santíssimas, onde o Eterno Padre depositara todos os seus tesouros, lavaram os pés dos Discípulos, sem excluir nem a um Judas; vossos dedos escreveram na terra para absolver a adúltera, e os metestes nos ouvidos do surdo para expelir dele o demónio, que lhe causava este impedimento; vossos joelhos se dobraram sobre a terra fria, para orar sobre todos os filhos de Adão, formados da mesma terra; vossos pés admitiram os obséquios da Madalena para lhe perdoardes, e buscaram os longes da Samaritana para a reduzirdes; vossos vestidos deram saúde à enferma de fluxo de sangue, que pegou deles com fé viva.

<sup>11</sup> *Ibid.*, par. 391, p. 339.

<sup>12</sup> Assim, na primeira frase do texto citado na nota 10, observamos o ritmo ternário (*mendigo-litigante-amante*), mas também o balanceamento binário (*mendigo-rico, litigante-ministro, amante-esposa*).

...E com vossa Carne e Sangue nos dais juntamente em sustento vossa Alma e Divindade... e separou-se vossa Alma de vosso Corpo, para que Deus me não separasse de si eternamente...»<sup>13</sup>

Ficamos cheios de pasmo diante desta dupla capacidade de atenção à física e à metafísica do mistério de Cristo, diante desta facilidade de se identificar afectivamente com cada um dos personagens do Evangelho e de exprimi-lo cada vez com uma palavra. Particularmente impressionante e inesperada é a observação do gesto do ajoelhar-se de Cristo sobre a terra fria, visto em conexão com a oração do Filho do Homem por todos os homens nascidos como o da mãe terra.<sup>14</sup>

Mais admirável ainda nos aparece a sua contemplação sobre a Bondade divina diante dos animais irracionais:

«Ó meu Deus e Senhor! Não sei reprimir as lágrimas, quando contemplo como a bondade de vosso coração até aos brutos animais se estende. Na lei antiga mandáveis que não atasse a boca ao boi que anda trilhando na eira... e que não cozessem o cabritinho no leite de sua mãe (Dt 25, 4; 14, 21; 22, 6); e que se achassem no caminho ou na árvore alguma avezinha sobre os seus ovos ou polhinhos, não a colhessem, senão que a deixassem voar livre... E suposto que tudo isto tinha significações e fins mais altos do que o exterior da letra morta; todavia quem não vê que aqui se descobre a brandura compassiva do vosso coração com as vossas criaturinhas que, ainda que irracionais, de vós participam os graus que têm de ser e de bondade?»<sup>15</sup>

Mais uma vez observamos em Bernardes a união da emoção sensível com a inteligência metafísica, mesmo a propósito dos animais selvagens. Ele considera a analogia do ser, a participação, os degraus do ser e da bondade. Ao mesmo tempo, retoma da filosofia cristã, aspectos atribuídos a Aristóteles e às correntes platónicas.

Deste modo, para Manuel Bernardes, os animais tornam-se — como para Francisco de Assis — em ocasiões para orar.

<sup>13</sup> LC II, par. 379, OC II, pp. 313-314; citemos um texto paralelo em *Sermões e Práticas* (Abrev. SP), II, Lisboa 1733; *Prática em dia da Circuncisão*, par. II, em OC IV, p. 17: «O ofício de Jesus é salvar, tudo o de Jesus exercitava este ofício. Com a voz, salvou a Zaquaeu; com o dizer de uma palavra, salvou o filho do Centúrio; com um voltar de olhos, salvou a Pedro; com um tocar dos vestidos, salvou a enferma; com a saliva, salvou o cego; com os dedos, salvou o surdo; com os pés, salvou a Madalena; com o sangue, salvou o mundo». O contraste entre saliva, dedos, pés, por um lado, e sangue por outro, é impressionante.

<sup>14</sup> Cf. *Sí 40*, 1: «Um destino penoso caiu sobre todos os homens, um jugo pesado oprime todos os filhos de Adão, desde o dia em que eles saíram do seio materno até ao dia do seu regresso à Mãe universal».

<sup>15</sup> LC II, Solilóquio VIII, par. 379, OC II, p. 314.

Todavia, o orante não se contenta em arrastar os outros pelo seu exemplo e pela sua intercessão para a oração; ele ensina a sua necessidade e as suas modalidades possíveis.

Numa homilia sobre Jesus, Porta para o Pai (Jo 10, 7), Bernardes denuncia as objecções opostas à necessidade da oração:

«Três me parecem as principais; porque, quando inculcam os confessores a oração, ou lhes respondem que não podem, ou que não devem, ou que não sabem; e tudo se resume em que não querem.

Não posso, dizem uns, porque minhas ocupações são muitas e precisas. Não devo, acrescentam outros, porque sou grande pecador, sou secular, sou casado, e não devo meter-me em santidades. Não sei, respondem outros, porque tenho rudeza de entendimento, por falta ou de letras ou de idade, e isso de oração depende de discurso...

... Absolutamente digo que não excusa nenhum destes impedimentos. Não escusam primeiramente as ocupações, porque este ócio santo é mais importante que todas; e se bem as considerarem, acharão que se são lícitas, não impedem; e se impedem, não são convenientes. Terão estes maiores ou mais justificadas obrigações e negócios que um Eugénio, Papa da Igreja de Deus, com todo o mundo sobre os seus ombros? Pois a Eugénio escreve S. Bernardo e chama a suas ocupações prejudiciais e malditas se lhe estorvarem que tome para si o tempo necessário para cuidar na própria salvação...

Não escusam os graves pecados; antes estes necessitam mais da graça e misericórdia de Deus, rogado muitas vezes, para se perdoarem...

Não excusa a rudeza de entendimento, porque a oração não depende, como me diziam, de discurso senão de afectos; e com os simples de coração é o conversar de Deus. Leiam por um Cristo crucificado, discorram pelos seus tormentos e virtudes, voltem sobre os seus pecados próprios, que é discurso tão grande como o de sua vida; e sobre as penas do Inferno, que é discurso tão grande como o de toda a eternidade».<sup>16</sup>

Eis aqui a experiência e o zelo do confessor que transparecem através das exortações do pregador, dum pregador inquieto não somente por expor a doutrina, mas ainda por responder às objecções — o que o nosso Manuel Bernardes faz de maneira brilhante, resumida e sintética. Para ele, o exercício fundamental da oração é acessível a todos e deve ser praticada por todos, incluídos os pecadores e as pessoas de cultura limitada.

<sup>16</sup> SP II, *Prática na segunda oitava de Pentecostes*, VI, pp. 328-417.

Incluídas também as próprias crianças:

«Saibam (os pais de família) que não-de dar estreita conta a Deus de que pelo seu descuido da boa criação dos filhos não há na Igreja católica muitos Santos que pudera haver».<sup>17</sup>

Para Bernardes, a oração é acessível a todos porque todos receberam de Deus um coração e uma razão para se dirigirem a Ele, colocando a razão ao serviço do discurso do coração; o discurso cordial da via terrestre prepara o discurso cordial da eternidade: «*não discursos senão afectos... discorram pelas virtudes... discursos de sua vida... discurso de toda a eternidade*».

É através da oração e na oração que o encaminhamento para a eternidade se torna corrida e até mesmo vôo:

«Sei eu que qualquer homem, ao edificar uma casa, faz por ganhar um palmo de terra e por lograr melhor vista por cima dos edifícios vizinhos. Não fará uma alma, no seu edifício espiritual, por ganhar mais Céu, por lograr a vista de Deus em grau mais alto?

Oh! companheiros dulcíssimos de minha peregrinação neste século miserável! Em Deus há infinito que ver e que gozar; e a vida é curta. Nenhum dia paremos, nenhuma hora».

Se até agora neste caminho andávamos, agora corramos; se corríamos, voemos; se voávamos, voemos mais.

... Queria (David) voar a Deus; e como em Deus há infinitas alturas, se fora possível, havíamos de ter infinitas asas para dar infinitos voos.<sup>18</sup>

Mais uma vez ainda, brilha em todo o seu esplendor a síntese psico-metafísica tão característica do génio literário e religioso de Manuel Bernardes. Diversos Salmos falam-lhe, não somente de caminhar ou até de correr para Deus (Sl 118/119, v. 32), mas de tomar as asas da aurora para fugir da sua face (Sl 138/139, v. 9). Desenvolvendo uma orientação dada por S. Agostinho,<sup>19</sup> Bernardes junta as suas imagens, unifica-as e faz-nos passar do indefinido que o voo para Deus sugere ao Infinito que é Ele mesmo: num extraordinário ímpeto de poeta prosador, ele convida-nos a tomar as asas infinitas das virtudes em voos infinitos para as alturas infinitas do Deus que infinitamente nos vigia... Parece difícil negar que a ascese, integralmente vivida, esteja colocada ao serviço da mística. Melhor, a ascese é penetrada e transfigurada pela mística, exercício humano das virtudes morais e teológicas totalmente inflamado pelo fogo do amor divino, no abismo da subtilidade intelectual que ele confere e penetra. Vejamos agora um exemplo impressionante.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 286.

<sup>18</sup> *SP II, Prática da domingo décima quarta depois de Pentecostes*, X, pp. 416-417.

<sup>19</sup> S. Agostinho, *De moribus Ecclesiae Catholicae*, 22, 41: «*Cum se anima rapiet in Deum...*»

## A oração afina a inteligência subtil de Bernardes

Na *Nova Floresta*, verdadeiro dicionário alfabético (passo a palavra) de espiritualidade ascética e mística, e onde não faltam — havemos de ver depois — exemplos reveladores duma excessiva credulidade, esbarramos com os mais profundos raciocínios de teologia espiritual.

Assim o nosso autor consagra nada menos que vinte e cinco páginas a resolver uma objecção que ninguém, sem dúvida, antes dele tinha tratado com tanto método e subtileza: como explicar que, sem sombra de erro nem falsidade, homens santos e perfeitos se têm como os maiores pecadores?

Manuel Bernardes recolhe da tradição espiritual o conjunto de respostas registadas através dos séculos: Francisco de Assis, Tomás de Aquino e a sua própria, que ele recebe de S. Bernardo e de Alvarez da Paz.

Para Francisco de Assis, vejamos a resposta a Rufino:

«Se aos outros houvera dado Deus os favores e socorros que a mim, por maus que de antes fossem, se fariam melhores que eu; e se a mim houvera deixado da sua mão como a eles, fora eu pior que eles. E assim por esta conta, digo eu verdade, quando digo que sou o maior dos pecadores».<sup>20</sup>

Primeira resposta, que nós podemos qualificar de hipotética.

A segunda, a do Aquinato, responde à seguinte questão: deverá o homem submeter-se a todos, por humildade? E distingue: é preciso considerar, no homem, o que vem dele mesmo e o que vem de Deus:

«Pelo que o homem tem de Deus, não requer a humildade que se sujeite aos outros, pelo que eles também tiverem de Deus, mas pelo que o homem tem de homem, deve sujeitar-se a qualquer outro, pelo que este tiver de Deus. Porquanto da razão própria da humildade é a reverência com que nos sujeitamos a Deus, ou em si mesmo ou onde suas coisas resplandecem».<sup>21</sup>

Terceira resposta, inspirada em S. Bernardo:

«Há duas humildades, uma de entendimento, outra da vontade ou apetite. A do entendimento é um conceito baixo de si próprio, gerado ou procedido da verdade que penetramos de nossas misérias e defeitos; e, conforme é mais subtil e clara a luz

---

*volitabit pennis pulcherrimis et integerrimis, quibus ad Dei amplexum amor castus innititur».*

<sup>20</sup> *Nova Floresta* (Abrev. NF), título VI: *Confissão*, IV, OC III, p. 313.

<sup>21</sup> NF, *Confissão*, V, p. 316, em referência a S. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II. II. 161. 3.



que nos descobre estas misérias, assim é mais distinto e certo o conceito vil que de nós formamos.

A da vontade ou apetite é um dom sobrenatural, que a modo de peso (se bem acompanhado de muitas luzes no entendimento), inclina e leva o coração a buscar o centro do seu nada e lugar ínfimo abaixo das criaturas... Esta humildade do afecto ou do coração é a que Cristo disse aprendêssemos dele... porque a outra do conhecimento bastantemente a podemos aprender de nós mesmos, como reparou o mesmo S. Bernardo».<sup>22</sup>

Bernardes completa agora S. Bernardo à luz de Álvaro da Paz:

«...a humildade dos santos não pára na do entendimento, que eles aprenderam de si mesmos, mediante a luz ordinária, senão que passa à da vontade, ou apetite, que aprenderam de Cristo, mediante a luz extraordinária; e por isso a tal humildade não envolve ali o erro ou cegueira que toca à parte intelectual, senão um peso ou inclinação que deprime e abate a parte volitiva».<sup>23</sup>

Para Bernardes, o que importa então é submeter-se aos outros tendo em consideração o que eles receberam de Deus — vejamos o património do Aquinato —, e até colocar-se voluntariamente abaixo de todas as criaturas, «no centro do seu nada». Poderíamos falar de um exercício de aniquilação,<sup>24</sup> não ontológico, mas afectivo, com a preocupação de saborear o nosso nada valer: tudo o que de verdadeiro e bom há em nós vem de Deus, nós só temos de próprio o nosso nada.<sup>25</sup>

E é assim que o oratoriano português responde com uma extrema precisão à questão inicialmente colocada:

«Dizem, pois, os Santos o que sobrenaturalmente sentem, parecendo-nos, de fora, que dizem o que naturalmente julgam, sendo que por então e durante a dita luz, que traz consigo aquele peso, abstraem desses juízos e, por conseguinte, não mentem nem se enganam. Não mentem, porque as vozes são instituídas também

<sup>22</sup> NF, *Confissão*, VI, pp. 319-320, em referência a S. Bernardo, *Sermão 42 sobre o Cântico dos Cânticos e Sermão 4 sobre o Advento*.

<sup>23</sup> NF, *Confissão*, VI, pp. 321-322, em referência ao P. Diogo Alvarez da Paz, *De inquisitione pacis*, t. II, parte 3, lib. IV, c. 5.

<sup>24</sup> Se a palavra «aniquilação» foi inventada por J.-P. Sartre, isso não impede de lhe dar, no seio da tradição espiritual da Igreja, um sentido aceitável, correspondente a uma bela expressão do P. de Caussade, a propósito das criaturas que tomam uma «côr de nada» para o crente.

<sup>25</sup> Cf. S. Agostinho, *In Evang. Iohannis*, trat. V, 1 (ad jo 1,33): CCSL 36, 40: PL 35, 1414; «*Nemo habet de suo nisi mendacium et peccatum*»: ninguém tem de seu mais do que a sua mentira e o seu pecado. Este pensamento foi retomado pelo Concílio de Orleães (DS 392; DB 195).

para declaração dos afectos, e, na verdade, os santos têm este affecto actual de se porem abaixo dos pecadores. Não se enganam porque, ainda que o juízo, se quisesse seguir o affecto, se desigualaria do objecto externo, o affecto não se desigual do dom divino, e a este é que segue. Nem este tal dom engana o affecto, porque não se comunica por modo judicativo, como se persuadissem ao santo: Tu és pior que todos, senão por modo volitivo e conforme o sujeito immediato que o recebe, que é a vontade, e equivale a esta proposição: *Oh! como é bom e como convém ser inferior a todos*!<sup>26</sup>

Por outras palavras, o juízo do santo está totalmente penetrado de humilde caridade. Esta confere à sua inteligência uma espécie de infalibilidade: ele não se engana ao humilhar-se, ele não nos engana e — acrescenta o próprio Bernardes — ele avança e progride muito diante de Deus e dos homens. Nele se verifica a palavra de Cristo: os últimos serão os primeiros.<sup>27</sup>

É, então, sem erro nem engano, que homens santos e perfeitos podem considerar-se como os maiores de entre os pecadores. Bernardes conseguiu convencer-nos: o que inicialmente nos parecia um exagero manifesto, agora parece ser uma verdade que uma razão transformada pela caridade e pela humildade pode aceitar. O nosso oratoriano colocou toda a sua inteligência especulativa, toda a sua finura psicológica, toda a sua experiência espiritual, ao serviço da análise ética e mesmo mística sem se esquecer de aportar o seu notável conhecimento da hagiografia e da história da espiritualidade, igualmente posta ao seu serviço. Porque, para Bernardes, a especulação parte do exercício da caridade e desemboca na sua intensificação.

Concluindo a exposição da resposta do oratoriano de Lisboa à dificuldade que ele próprio nos colocava, temos de evocar, juntamente com ele, a particular ocasião<sup>28</sup> do seu exame aprofundado, isto é, um diálogo de S. Luís Beltrão, O.P. (1526-1581), com um penitente:

«Confessou-se com este glorioso santo certo pecadorão... E reparando que (o santo) não alterava o semblante a ouvir tais e tantas enormidades, acrescentou: que se acusava também de julgar que ele confessor devia ter cometido outras semelhantes, pelo ver tão quieto e sereno. Respondeu-lhe: “Filho, pior sou do que vós, ainda que não fiz essas coisas. Porém não me altero,

<sup>26</sup> NF, *Confissão*, VI, pp. 323-324. Nota-se a distinção entre modo justificativo e modo volitivo.

<sup>27</sup> NF, *Confissão*, VI, pp. 323-324, citando Mc 10, 31.

<sup>28</sup> M. Bernardes diz-nos que a resposta de S. Luís Beltrão foi a ocasião do seu inquérito: NF, *Confissão*, VI, p. 303: «por ocasião da resposta de S. Luís Beltrão».

porque, tanto que vos vi a meus pés, olhei para vós como quem já não amava os pecados, antes lhes queria fazer guerra”». <sup>29</sup>

Exemplo impressionante, mostrando-nos um santo que se humilha para exaltar o seu penitente. E mais, a importância que Bernardes lhe dá faz-nos perceber claramente a sua maneira de proceder: perante um facto particular de extrema nobreza, o teólogo espiritual interroga-se longamente, à luz da Escritura e da Tradição, bem como também da razão, no seio da fé, sobre a origem, a natureza e o significado deste facto.

Bernardes, geralmente, não parte somente dos exemplos de heroísmo que a hagiografia católica abundantemente lhe fornece, mas também do espectáculo quotidiano dos pecados contra a castidade com os quais, como confessor, se defronta.

## **Bernardes moralista, bom conselheiro, sempre actual**

Queremos introduzir aqui o leitor no exame de um tratado espiritual sobre a virtude da castidade que Bernardes publicou em 1698 e que para nós é mais actual que nunca, dado o herotismo da sociedade em geral ser o maior de sempre, como também os problemas mais particulares que o adúltero con-cubinato dos divorciados que voltaram a casar põe à consciência cristã, ou a relação com o mundo animal, de tal maneira intensa no nosso tempo, nos dois casos.

Em duzentas páginas o autor dá-nos um catecismo da virtude da castidade em trinta e sete questões e respostas. Ele quer ajudar-nos a lutar contra o incêndio da luxúria, salvar-nos das suas chamas:

«Por certo não despreza as almas deixando-as perecer, quem morreu na Cruz abrasado em incêndios de caridade, porque não perezessem.<sup>30</sup> Prevenções e remédios nos deixou, muitos, prontos e eficazes. Porém... cegos nós com o fumo espesso do mesmo fogo, ou nos atinamos com eles ou não insistimos em os aplicar, se já não é que, como o incêndio é deletoso à mesma carne, folgamos de arder, e impelimos a outros que adram connosco... Ajudemos a salvar do incêndio o próximo...»<sup>31</sup>

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 299.

<sup>30</sup> Cf. Jo 3, 17; 6, 37-39; 12, 46-47.

<sup>31</sup> M. Bernardes, *Armas da Castidade* (Abrev. AC), «*Tratado espiritual, em que por modo prático se ensinam os meios e diligências convenientes para adquirir, conservar e defender esta angélica virtude*», OC II, pp. 11-12. Introd.

Reparemos, de passagem, no carácter bíblico destas imagens (o Cristo dos Evangelhos fala-nos quer do fogo do inferno: Mt 5, 22; 13, 42-50; Jo 15, 6; quer do fogo do Espírito que ele veio atear: Lc 12, 49ss), e no contraste entre incêndio, no singular, do inferno eterno e os incêndios de caridade, no plural, de que Cristo morreu abrasado para que, inflamados pelos mesmos incêndios pelos sacramentos, salvemos o próximo arrancando-o ao fogo do inferno e, desde cá de baixo, ao incêndio delicioso da sensualidade.

O tratado de Bernardes descreve longamente, sob o título significativo das *armas* da castidade (*Armas da castidade*), os remédios, não só numerosos e eficazes mas também prontos, quer dizer, sempre à nossa disposição, postos pelo Salvador na e pela sua Igreja, através da experiência dos seus santos e teólogos.

Escutemos então Bernardes que nos recorda, a propósito do concubinato, alguns destes remédios:

«1. Cheguem-se muitas vezes ao confessor, ainda que os não absolva.<sup>32</sup>

2. Rezem o Rosário, Coroa ou Terço à Virgem Senhora Nossa todos os dias, ainda que vá mal rezado.

3. Dêem esmolas com afecto de compaixão do pobre, e mandem dizer missas por remissão de seus pecados.

4. Ouçam a palavra de Deus e leiam vidas de Santos, ainda que lhes custe repugnância e tormento da consciência.

8. Olhem devotamente para a Imagem de algum Crucifixo, fazendo por compadecer-se de suas penas e digam: Havei misericórdia deste miserável, ó Deus misericordiosíssimo».<sup>33</sup>

Estas recomendações mostram-nos o quanto a Igreja, a finais do século XVII e princípios do XVIII, longe de pactuar com as severidades jansenistas, estava preocupada, em Portugal ou noutras partes, em facilitar, pela exortação à oração e à esmola (cf. 5 a 7), a conversão dos pecadores. Deixam-nos ver ainda em Bernardes um confessor preocupado em se pôr ao alcance dos seus penitentes com sugestões concretas, sem se contentar com exposições meramente doutrinárias. Todas as recomendações citadas aqui podem ser úteis para os conselheiros espirituais de hoje. A última até evoca — pelo menos indirectamente — as graças que muitos cristãos, atolados no

<sup>32</sup> O conselho pode parecer paradoxal, pois o adúltero, desde que queira continuar a sê-lo, não pode receber a absolvição. Mas Bernardes, confessor cheio de experiência, sabia que a graça de Cristo, através do diálogo com o confessor, pode inspirar uma conversão de coração e de decisão do penitente. Por outro lado, mesmo sem receber a absolvição, o baptizado pode, graças à confissão, receber bons conselhos e beneficiar deles. Hoje, numa época em que certos confessores não seguem as normas fixadas pela Igreja, seria impossível sugerir a um adúltero ir procurar um confessor deste género.

<sup>33</sup> AC, Pergunta XXII; OC II, pp. 147-148.

pecado grave, recebem ao visitarem os museus e as velhas igrejas de Portugal, contemplando os quadros admiráveis dos primeiros portugueses<sup>34</sup> que representam a Paixão de Jesus Cristo e a compaixão da sua Mãe dolorosa.

Manuel Bernardes é ainda mais preciso e manifesta a experiência enorme (que muitos leigos nem suspeitam) que, graças especialmente ao confessor, o padre adquire progressivamente da psicologia do pecador, quando ele trata do adultério. Citemos alguns remédios preventivos ou correctores que ele propõe:

«5. Nas ausências do marido convém observar mais recato e recolhimento. E para que estas possam levar-se sem perigo ou tentação, costume-se de antes a tomar o conselho do Apóstolo (1Cor 7, 5), que é abster-se do toro conjugal a breves intervalos com mútuo consentimento, para se dar melhor à oração.

6. De nenhum homem aceite dádivas, sem título claramente honesto; porque esta é uma das portas principais por onde os solicitadores entram a entabular sua pretensão. E se for cobiçosa, há-de querer mostrar-se agradecida e depois amorosa.

8. Se algum ocioso ao passar lhe disser razões de galanteio, nada responda, nem ainda para se mostrar irada; porque semelhantes homens tomam estes desprezos e ameaças por primeira vaza do seu jogo; e por isso um se queixava, dizendo: Ni de agravos me vi favorecido.

Mas o melhor modo de evitar estes encontros é saindo raramente fora, especialmente a grandes publicidades. Até a igreja, casa de Deus, pode ser que muitas vezes não lhe convenha tanto como a sua própria; porque, por miséria humana e instigação diabólica, pode suceder que indo a buscar indulgência, traga pecados».<sup>35</sup>

Percebe-se aqui como Bernardes não ignora nenhum dos jogos da sedução. E pelo menos é surpreendente como este capítulo, quer pelo seu título, quer pelo seu desenvolvimento, apenas se refere explicitamente ao adultério feminino e nada tem a sugerir aos maridos... Reflexo provável de uma situação eclesial de prática sobretudo feminina! Além disso, o conselho de sair só raramente na ausência do marido parecerá hoje inadaptado às mulheres que trabalham, ainda que seja indicativo dum espírito e possa receber algumas aplicações concretas.

<sup>34</sup> Penso principalmente na obra admirável de Nuno Gonçalves, o *Políptico de S. Vicente*, painel do Infante, e na *Deposição*, por Cristóvão de Figueiredo, as duas obras no Museu de Arte Antiga, em Lisboa, datados respectivamente por volta de 1460 e 1530.

<sup>35</sup> AC, Pergunta XXIV; OC II, p. 165.

Pelo contrário, a sugestão paulina da continência periódica, praticada com vistas a facilitar a fidelidade conjugal em tempo de separação, mantém-se oportuna.

Bernardes não considera somente os avisos a dar às vítimas das faltas mais ordinárias à castidade, ele está também atento para denunciar as compensações indirectas; e aquele que — nós já o vimos — se comovia diante da com-paixão do Deus Legislador da Antiga Aliança perante os animais maltratados pelos homens denuncia também os afectos desordenados dos humanos a seu respeito:

«...as donzelas e religiosas que criam cachorrinhos de fralda e os penteiam, enfeitam, beijam e agasalham consigo na cama, obram mal e repreensivelmente, pondo o seu afecto numa criatura tão vil e indigna, que deviam pôr somente em seu Criador, e consumindo em meninices e ridicularias o precioso tempo que lhes é dado para trabalharem no alcance das virtudes.

E deverão advertir que todo o amor causa semelhança e faz união entre o amante e a coisa amada: se esta é vil, o envilece; se nobre, o dignifica... Nem todos os movimentos e gestos que fazem estes animais domésticos, com que nos divertimos, procedem só das suas potências naturais; senão que o Demónio às vezes os ajuda e impele para nosso mal. E a pessoa cuida que brinca com um cachorrinho, ou que fala com um papagaio ou bugio, e está brincando e falando com o Demónio... falou a Eva pela serpente».<sup>36</sup>

Como evitar, perante este texto, sentimentos divididos? Por um lado, aplaudimos o autor ao pôr em ridículo as tentativas de amizade animal; a transcendência do animal racional que é o homem redu-las necessariamente a nada; de igual modo não podemos excluir (cf. Mc 5) que o Demónio, príncipe deste mundo, queira servir-se de animais irracionais para perder eternamente animais racionais; mas, por outro lado, como conciliar o unilateralismo de Bernardes com o seu conhecimento de Francisco de Assis, que amava sobrenaturalmente os animais?

Provavelmente, poderíamos encontrar algures, na obra tão abundante de Bernardes, pontos de vista mais positivos sobre as relações entre homens e animais. Podemos compreender como o tema abordado — a castidade — o encorajava a manter uma certa reserva neste domínio, sendo porém esta, para ele, a ocasião, já sugerida, para recorrer à Virgem Maria, duma contemplação da Virgem.

<sup>36</sup> AC, Pergunta XXXII; OC II, pp. 208-209.

## Manuel Bernardes, contemplativo da Virgem

Maria brota muitas vezes da pluma fecunda de Bernardes: nos seus *Sermões*, nos seus *Exercícios espirituais*, nas suas *Meditações sobre os principais mistérios da Santíssima Virgem* (obra póstuma publicada em 1737).

O mistério de Maria é o de uma perfeita espiritualização da carne. Poucos temas religiosos se prestam tanto para o exercício do carisma poético de Bernardes. Nós vamos descobri-lo sucessivamente a propósito da Imaculada Conceição, da Maternidade divina e virginal, da Associação de Maria ao Mistério Pascal pela sua morte de amor e pela sua gloriosa Assunção.

### 1. A Imaculada ilumina o mistério do nosso pecado original

Nós vivemos hoje num contexto cultural, científico, filosófico e teológico que nos torna, de certa maneira, mais difícil a contemplação, na fé, do mistério do pecado original.

De repente, o mistério da Imaculada Conceição de Maria (a distinguir com cuidado do mistério da concepção virginal de Jesus por Maria) é muito pouco conhecido. Bernardes é-nos útil iluminando tanto um como outro.

O mistério do pecado de Adão e das suas consequências para cada um de nós é apresentado com exactidão pelo nosso oratoriano:

«Não permitira Deus haver males no mundo se não fora poderoso para deles fazer bens;... se por um homem, que foi Adão, se constituíram muitos pecadores sem preceder demérito das suas vontades próprias, também sem precederem merecimentos próprios, por outro homem, que é Cristo Jesus, foram constituídos muitos justos (Rom 5, 19)».<sup>37</sup>

Bernardes, ao contrário de muitos autores posteriores, compreendeu muito bem a visão paulina: Deus não quis a solidariedade dos homens com o primeiro Adão senão no seio da sua solidariedade muito mais profunda com o segundo e último Adão, e a segunda explica a possibilidade da primeira.

Da primeira destas duas solidariedades deriva uma consequência dramática que afecta todo o homem que vem a este mundo (salvo o privilégio concedido apenas a Jesus e Maria): concebido e nascido, e privado da justiça original que o primeiro Adão lhe deveria transmitir, ele entra no mundo como filho votado à ira divina (Ef 2, 3), «por natureza filhos da ira», de tal maneira que ele não recebe, pelo baptismo, a filiação adoptiva. Bernardes pode então escrever:

<sup>37</sup> *Exercícios Espirituais* (Abrev. EE), Ex. II, Medit. V, OC I, p. 296.

«Ninguém para convosco, Senhor, per si é inocente, porque vingais<sup>38</sup> o pecado de nossos pais não só na terceira e quarta geração, senão até à última do mundo. E que motivo mais poderoso que este para humilhar-nos? Porque se cá entre os homens, os que consta não haverem nascido de legítimo matrimónio, senão em pecado mortal, vivem humilhados com a sua infâmia e não são admitidos à herança com os filhos legítimos: razão é que todo o filho de Adão muito mais se humilhe e abata diante de Deus N. S., pois certamente lhe consta, do labéu de ser concebido em pecado e pelo modo ilegítimo, que não havia de ser no estado de inocência; e é também certo que se Deus nos não perfilhara depois pela sua graça, excluídos ficáramos para sempre da herança do Reino dos Céus».<sup>39</sup>

Apesar de alguns inconvenientes desta apresentação, ela oferece-nos uma analogia, um tanto deficiente, como toda a analogia, mas muito eloquente. A vergonha que acompanha um nascimento ilegítimo ajuda-nos a humilhar o nosso orgulho diante da constatação, no seio da fé, da decadência espiritual em que viemos ao mundo.

Tal é o pano de fundo sobre o qual se situa a preservação, em Maria, de toda a mancha de pecado original:

«Estava *ab aeterno* escolhida para Mãe do Unigénito Filho de Deus encarnado... e assim era razão que em nenhum instante fosse escrava e tributária do Diabo; ...era razão que este rio de pecado comum, que de geração em geração sempre foi correndo e levando quando encontrava diante, ao passar a Arca de Deus, que é Maria Santíssima, suspendesse suas águas, não se atrevendo a contami-ná-la; era razão que a redenção da Senhora se obrasse nela por modo mais admirável, nobre e superior do que se obrou nos outros filhos de Adão; isto é, que se nós somos remidos depois de haver caído, a Senhora fosse remida por preservação para que não caísse».<sup>40</sup>

A convicção de Bernardes quanto à Imaculada Conceição é muito mais impressionante por ser tão anterior à sua definição dogmática por Pio IX em 1854, definição que já era objecto da sua oração.<sup>41</sup> Aqui se percebe a sua fé profunda em Maria, Mãe de Deus.

<sup>38</sup> Expressão tanto mais exacta quanto mais a vemos nas penas que acompanham o pecado original causando, nos descendentes de Adão, uma punição cuja finalidade é redentora.

<sup>39</sup> *EE*, Ex. II, Medit. V *OC* I, pp. 296-297.

<sup>40</sup> *Meditações sobre os Mistérios da Virgem Santíssima* (Abrev. *MV*), Medit. I, 2º ponto, *OC* IV, p. 28. Alusão a Jos 3, 1-4, 18; O Evangelho de Lucas deixa entender que Maria é a verdadeira Arca da Aliança: cf. Lc 1, 43-56, esclarecido por 2Sam 6, 9-11.

<sup>41</sup> *MV*, Medit. I, 4º ponto, *OC* IV, p. 32.



2. Bernardes expõe a Maternidade divina de Maria comentando a Saudação angélica

Bernardes deixou-nos uma belíssima exegese, teológica e contemplativa, da *Avé-Maria*:

«E diz-lhe (o Anjo) que conceberá em seu ventre e parará um filho... Goza-te, alma minha, e dá à Virgem os parabéns de que Ela verdadeiramente e em todo o rigor é Mãe de Deus: pois gerou e formou em seu virgíneo ventre a Jesus, verdadeiro Deus e homem, ainda que não gerasse a Divindade, que n'Ele está unida à carne: assim como qualquer filho o é verdadeiramente de seus pais, ainda que estes lhe não geram a alma mas somente o corpo a que está unida».<sup>42</sup>

Aqui, Bernardes, retoma e prolonga uma analogia clássica entre os Padres. Para eles a pessoa humana e ordinária, sendo alma e corpo, constitui a melhor imagem do Verbo incarnado, em quem a Pessoa divina une natureza humana e natureza divina. O oratoriano faz-nos ver em cada mãe terrena, geradora do corpo mas não da alma do seu filho, um símbolo de Maria, Mãe de Cristo Deus sem ser mãe da sua divindade. Mãe segundo a carne do Deus feito homem como nossas mães são também, segundo a carne, mães das nossas pessoas mas não das nossas almas.

Bernardes é talvez mais original numa dedução teológica a partir dum princípio clássico. Leão Magno, seguindo Santo Agostinho, sublinhava um ponto complementar do que acabámos de dizer: «Maria concebeu o Verbo pela fé, no seu espírito, antes de o conceber no seu seio». Ele via aí uma tese audaz que a Igreja nunca condenou, e que até foi defendida por numerosos santos e teólogos: antes da Anunciação, a alma da Virgem foi elevada à visão clara e intuitiva da face de Deus:

«...nesta ocasião, antes da embaixada do Arcanjo S. Gabriel... foi... elevada sua (da Virgem) alma à visão clara e intuitiva da face de Deus. E isto é dizer S. Leão Papa que a Senhora primeiro concebeu o Verbo na mente do que no ventre; porque na verdade nisto foi exaltada maravilhosamente a Virgem e posta em correspondência com o Eterno Padre: que assim como este concebe no seu entendimento o Verbo e o compreende, assim também respectivamente a Virgem porque o mesmo Verbo, que é Filho de Deus e o havia de ser também seu, concebeu na mente, vendo-o claramente.

E o Altíssimo... dispôs desta vista intuitiva para que a Senhora ficasse mais capaz da grandeza do mistério da Encarnação quando

<sup>42</sup> *MV*, *Medit.* VI, 4º ponto, *OC* IV, p. 113.

depois se obrasse: porque só assim trataria dignamente o Filho de Deus humanado e teria notícia clara da distância dos extremos, que se uniam em Cristo Deus Homem, e da dignidade... de Mãe de Deus. Além de que, consistindo este mistério em se desposar o Filho de Deus com a natureza humana, convinha que a Esposa primeiro visse ao Esposo e d'Ele mais vivamente se enamorasse».<sup>43</sup>

Parece que estes raciocínios foram tomados de um teólogo carmelita de Espanha,<sup>44</sup> se é verdade que esta hipótese teológica não prevaleceu muito no nosso século, porque parece muito marcada de «maximalismo» marial, ela era pelo menos, no seu aspecto fundamental, a do grande teólogo F. Suárez,<sup>45</sup> e não está fora de hipótese que Bernardes tenha querido retomar nos meios cultos de Portugal a versão aprofundada que era apresentada em Espanha havia algum tempo. Como outros adeptos desta tese, ele admitia um acto excepcional de clara visão de Deus em Maria, para a preparar para a Encarnação, sem negar que ela tivesse vivido sob a influência habitual da fé: «Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor» (Lc 1, 45).<sup>46</sup>

Vemos neste caso particular que nas suas *Meditações sobre os principais mistérios da Virgem Santíssima* Bernardes visa um público susceptível, por ocasião de uma exposição piedosa, de aprofundamento de questões doutrinárias. Ou, se se prefere, um público teologicamente curioso mas não preparado. Estamos longe da imagem «beata», sem uma base cultural que alguns, ainda hoje, fazem do oratoriano de Lisboa. A sua contemplação é inseparavelmente devota e doutrinária.

### 3. Bernardes exalta a participação de Maria no Mistério Pascal.

O nosso autor quer fazer-nos participar na sua longa e bela contemplação da Virgem, de pé, junto à Cruz, na Sexta-Feira Santa, e também na sua alegria diante do Cristo ressuscitado, no domingo de Páscoa.

O conhecimento excepcional de Maria como Mãe de Deus acerca do mistério de seu Filho explica, para o nosso autor, a profundidade do seu sofrimento:

«Outro princípio pelo qual se pode formar algum conceito do excessivo das penas desta angustiada Mãe, é considerando o

<sup>43</sup> *MV*, Medit. IV, 1º ponto, *OC* IV, p. 106.

<sup>44</sup> José de Jesus Maria, *Vida da Senhora*, 1. III, c. 2. Citado por Bernardes, *MV*, *OC* IV, p. 106, nota 1.

<sup>45</sup> F. Suárez, *Opera omnia*, XIX, 305 (ed. Vivès). A tese de Suárez, retomada por Bernardes, está em harmonia com o princípio posto por Suárez e elogiado por Pio XII na bula de definição da Assunção (AAS 42, 1950, 767): «Os mistérios da graça que Deus operou na Virgem não devem ser vistos segundo as leis ordinárias da graça, mas em função da onipotência divina, supondo-se a sua conveniência, sem qualquer contradição ou repugnância das Escrituras» (*In tertiam partem divi Thomae*, 27. 2. 3. 5. 31).

<sup>46</sup> Cf. Vaticano II, *Lumen Gentium*, 58: «A Santíssima Virgem avançou no caminho da fé»; João Paulo II louvou este tema em 1987 na sua Encíclica *Redemptoris Mater*.

altíssimo e perfeitíssimo conhecimento que a Senhora tinha presente da infinita dignidade de seu Filho Jesus Cristo, a quem via desonrado, afrontado e crucificado... De sorte que quando a Virgem Mãe via seu Bendito Filho pendente da Cruz entre dois malfeitores, não perdia de vista que este Senhor era o mesmo que no Empíreo reina entre duas Pessoas Divinas». <sup>47</sup>

Para Maria, conhecer e amar Cristo, era sofrer com Ele. Daí o convite de Bernardes aos seus leitores: sofrer com Maria para sofrer com Cristo:

«Louvar a misericórdia e caridade de Deus que foi servido dar ao mundo, em tão inocente e atribulada Virgem, tão fiel co-redentora; e em sua piedade e intercessão à Igreja tão poderosa Mãe, que nos abrigue e ampare e se compadeça de nossas tribulações.

Chorar os teus pecados, pois foram verdadeiramente a causa da Paixão de Cristo e por conseguinte das penas de sua Mãe santíssima; do que deves confundir-te e não levantar os olhos para este retábulo de aflições e angústias, sem envergonhar-te sumamente». <sup>48</sup>

Maria junto à Cruz é então vista por Bernardes, muito antes da sua proclamação por Paulo VI em 1964, como Mãe da Igreja, Mãe ferida pelos pecados de seus filhos. Nos *Exercícios Espirituais* o seu último ponto de vista é magnificamente estudado:

«Considera... como todo o agravo que se faz aos filhos redunde em agravo aos pais, pela conjunção íntima das pessoas que se reputam ser a mesma. E assim toda a ofensa de Deus é ofensa em certo modo da Mãe de Deus...

...assim como a maior das penas interiores que padeceu o coração de Cristo Senhor nosso foi o ver desprezada no mundo a honra de seu Eterno Pai, assim também a maior pena que o coração da Virgem padeceu foi o ver desprezada no mundo a honra de seu Filho e seu Deus.

E assim como Cristo Senhor nosso, para recuperar a honra de seu Pai, ofereceu desde o primeiro instante de sua vida seu corpo e alma e todo o ser, assim também Maria santíssima, para honrar a seu Filho, este foi o seu desejo e oferecimento, crucificar-se a par de seu Filho e ser-lhe companheira nos tormentos do corpo assim como o foi nos da alma, se necessário fosse para evitar a mínima ofensa sua e com o mesmo Fiat ou resignação consentira derramar-se para este fim todo seu sangue, com que consentiu

---

<sup>47</sup> *MV*, Medit. XI, 2º ponto, *OC IV*, p. 193.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 197.

em formar-se dele o corpo do Redentor do mundo... piamente podemos crer que ao dar a Cristo o leite de seus peitos virginais o dava com a consi-deração de que assim ajudava e concorria para fazer-se o sangue que havia de tirar os pecados do mundo e as ofensas de Deus... Pecador ingrato... os pecados com que tu de novo tornas a cruci-ficá-Lo, de novo tornam a lastimar o coração desta Senhora».<sup>49</sup>

Manuel Bernardes permanece como e com Maria de pé junto à Cruz: *Stabat Mater dolorosa* (cf. Jo 19, 25). E descreve-nos notavelmente esta estação:

«Ela permaneceu imóvel, direita e segura, como coluna ao pé da Cruz: quem dela se não desarrima não mudará pé nas tribulações».<sup>50</sup>

Com S. Boaventura, ele acrescenta subtilmente:

«A Senhora... foi impassível pela paciência... o mesmo padecer a tornou como impassível».<sup>51</sup>

Impassivelmente paciente, a Virgem foi activamente tal,

«cooperando na oblação do sacrifício da Cruz com Cristo... com quem fazia uma só pessoa, assim moral como misticamente».<sup>52</sup>

Sabemo-lo: o Evangelho, que exalta a presença de Maria junto à Cruz, nada nos diz sobre o seu primeiro encontro com o Ressuscitado. Bernardes estuda longamente o que ele chama, magnificamente, um «*silêncio ... doutrinal e misterioso*»,<sup>53</sup> e aponta as suas razões:

«...não convinha que a Virgem entrasse no número destas testemunhas públicas, visto ser tão interessada, como Mãe, nas glórias de Cristo ressuscitado; pois poderiam os ouvintes abater do crédito da verdade tudo o que supusessem crescer no afecto da natureza... As outras aparições de Cristo foram feitas a seus Discípulos e às Santas Mulheres para as alentar no desmaio da fé e descaimento de ânimo em que se achavam havendo visto a Paixão e Morte do Senhor... Mas à Virgem magnânima apareceu seu glorioso Filho, não para a corroborar na fé, pois nela esteve sempre firme e segura, mas somente

<sup>49</sup> *EE*, Medit. VII, 2º ponto, *OC* I, p. 134. Poderíamos completar estes pensamentos de Bernardes sublinhando que, depois do Pentecostes, Maria ofereceu todos os sofrimentos que os pecados da humanidade lhe provocariam, compreendidos os nossos, em união com a Paixão de seu Filho, no sacrifício eucarístico, para nossa salvação; e ainda hoje a Virgem oferece sem cessar as Missas que se celebram no mundo inteiro para nossa conversão.

<sup>50</sup> *MV*, «Exortação ao Pio Leitor», VI, p. 17. *OC* IV, p. 17.

<sup>51</sup> *MV*, Medit. XI, 3º ponto, *OC* IV, pp. 198-199.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 199.

<sup>53</sup> *MV*, Medit. XII, 1º ponto, *OC* IV, p. 210.

para a consolar na sua soledade e para lhe pagar a dívida de a honrar como a verdadeira Mãe e para lhe gratificar a fiel companhia que lhe fizera em suas penas... E para os sobreditos fins... bastava que a sua visita fosse particular e oculta aos olhos humanos».<sup>54</sup>

Todos estes motivos ainda não são suficientes para Bernardes. O «silêncio doutrinal e misterioso» dos Evangelhos sobre o encontro de Maria com Jesus ressuscitado explica-se enfim, e sobretudo, pela transcendência de Maria sobre os Discípulos e as Santas Mulheres:

«O certo é que tão singular Senhora não compõe número com as outras criaturas, por mui santas e favorecidas do Céu que sejam... É Mãe de Deus, isso basta e sobeja; e alguma coisa faltaria à soberania do tratamento que se lhe deve se entendêssemos que as Escrituras aqui fazem falta».<sup>55</sup>

Raramente, e se ele alguma vez existiu, o silêncio dos Evangelhos sobre o encontro de Maria com seu Filho ressuscitado terá sido tão profundamente e mesmo religiosamente tratado na história da espiritualidade e da teologia católicas. Sim, Bernardes mostrou magnificamente quanto este silêncio era doutrinal, isto é, cheio de ensinamentos, um silêncio eloquente, mas também e sobretudo misterioso, correspondendo secretamente ao mistério da Maternidade divina, e por isso ao próprio mistério da Encarnação: um silêncio provocado pela Palavra Única, pelo Verbo, um silêncio ao serviço desta Palavra Única e da escuta crente, na e pela Igreja, desta Palavra.<sup>56</sup>

Tal foi o mérito de Manuel Bernardes, tal a honra de Portugal no seio da cristandade; o oratoriano de Lisboa recapitulou com maravilhosa profundidade o conjunto das palavras cristãs pronunciadas sobre este silêncio tão eloquente.

Ele sentiu-se tão inclinado a fazê-lo que admitia, com S. Tomás de Vilanova e S. João Eudes (se é que leu<sup>57</sup> este último), o papel e a influência da oração de Maria na ressurreição corporal de Jesus:

«De sorte que a esta Senhora deve o género humano não só o vir Cristo ao mundo pela Encarnação, senão o voltar depressa pela aceleração de ressuscitado; que também foi outro modo de geração (SI 2, 7; cf. Act 13, 33)...

Não bastava, ó piedosa Mãe de misericórdia, que por vossas orações tivéssemos a Cristo baixando do Céu, senão que o tivéssemos

<sup>54</sup> *Ibid.*, pp. 212-213.

<sup>55</sup> *Ibid.*, pp. 214-215.

<sup>56</sup> Alusão ao célebre aforismo de S. João da Cruz sobre o Verbo pronunciado e escutado no silêncio.

<sup>57</sup> S. João Eudes termina precisamente antes da sua morte, em 1680, o seu tratado sobre o *Coração admirável da Mãe de Deus* onde expõe a tese aqui mencionada. Este tratado foi publicado em 1681. Bernardes podia então tê-lo conhecido.

outra vez subindo dos Infernos? Não bastava que uma vez o atraísseis do seio dos Santos Padres e do seio de nossa mãe comum que é a terra? Senão que ainda em cima (como se isto fora pouco) sendo este mesmo Senhor também, por vossas orações e merecimentos cômgruos, sacramentado no augustíssimo Mistério do Altar...»<sup>58</sup>

Vejam: para o nosso oratoriano orante, cuja unidade de pensamento é enorme, a oração de Maria condiciona, como sua origem, a Encarnação e a Ressurreição do Verbo da Vida, e até mesmo a sua presença eucarística na Igreja. E se nós devemos a Ressurreição de Cristo à oração de sua mãe (cf. Rom 10, 6-7),<sup>59</sup> como duvidar, mesmo se o Evangelho não nos diz nada, do seu encontro de Ressuscitado com Ela?

Todavia, é pelo mistério da Assunção, incluindo a sua morte e ressurreição corporais, que se cumpriu a suprema participação subjectiva de Maria no mistério pascal de Jesus, seu Filho. O oratoriano português perscruta com amor os esplendores físicos e metafísicos da dupla assunção, corporal e espiritual, da Virgem; pergunta-se porém, porquê Maria, embora imaculada e santíssima, devia morrer:

«...a soberana Virgem não devia pagar o comum tributo da morte, pois não incorrera no pecado comum de Adão, que é a porta por onde ela entrou no mundo... Contudo, convinha que morresse, e assim o dispôs a divina Providência por razões altíssimas.

Primeira: porque assim como Cristo deveu à Virgem, como a verdadeira Mãe sua, a vida temporal neste século, assim a Virgem devesse a Cristo a vida eterna...

Segunda: para que não houvesse quem suspeitasse que a Senhora não era verdadeira filha de Adão, sabendo ser imortal, e, por conseguinte, que Cristo não era verdadeiro homem...

Terceira: para que os homens naquela formidável hora da morte tivéssemos recurso a esta Senhora com mais confiança, como a pessoa mais semelhante na condição humana e mais douta na experiência própria...

A quarta e principal razão foi para imitar a Cristo, que aceitou por nosso bem a morte sem a dever, antes sendo-lhe devida e natural a vida eterna».<sup>60</sup>

<sup>58</sup> MV, Medit. XII, 3º ponto, OC IV, p. 218. Si 40, 1, menciona a terra como mãe.

<sup>59</sup> Cf. o texto deste santo bispo de Valência (1487-1555) citado por Bernardes (*Ibid.*, OC IV, p. 217): «*Haec igitur Virgo virtutibus suis Deum coelo deduxit, haec iterum clamoribus suis ab inferis resuscitavit*», em relação a Rom 10, 6-7.

<sup>60</sup> MV, Medit. XIII, 2º ponto, OC IV, pp. 232-233.

Todas estas razões são explicitamente cristológicas, excepto a terceira, que o é só implicitamente. Argumentos de conveniência, elas fazem penetrar o crente na compreensão dum mistério de fé. Não são menos verdadeiras hoje que ontem. Manifestam, para o oratoriano de Lisboa, a presença «operativa» dum verdadeiro carisma teológico.

Teólogo e contemplativo da morte de Maria, Bernardes é-o também do privilégio da sua Assunção corporal.

Apresenta-nos uma primeira razão, absolutamente clássica: a honra de Cristo, Filho de Maria, estava em jogo:

«...foge e padece horror o espírito em considerar que em tantos séculos, como passaram desde o trânsito da Senhora, e passarão até o dia da Ressurreição geral, se pudesse dizer: a carne de Cristo está glorificada... à mão direita de seu eterno Padre; mas a da Virgem Maria... está debaixo da terra entre bichos, ou comida deles, sem embargo de ser moralmente uma só carne a do Filho e a da Mãe».<sup>61</sup>

E acrescenta uma segunda razão, rara e subtil, mas não desprovida de valor na ordem do ser:

«...se a alma e o corpo da Virgem santíssima não estivessem já de presente reunidos, de presente não poderíamos em rigor e com propriedade chamar-lhe Mãe de Deus, e mais propriamente diríamos que Cristo havia sido Filho da Virgem do que diríamos que actualmente o era. Por ser Mãe é predicado que se diz da pessoa; e não é pessoa a alma nem o corpo estando separados; e de Cristo não di-zemos que é filho da alma da Senhora nem do seu corpo desanimado.

...todos estes anos e séculos que a Virgem estivesse por ressuscitar estaria sem a relação de Mãe de Cristo, e Cristo, sem a de Filho seu».<sup>62</sup>

O raciocínio, verdadeiramente profundo, poderia estar matizado na sua expressão. É verdade que a pessoa designa «uma substância inteligente e livre, que existe em si e para si, um (ser) único em si mesmo e separado de todos os outros». Esta unidade desaparece com a morte. A alma separada — e isto é verdadeiro também para a Virgem entre a sua morte e a sua Assunção — já não é uma pessoa completa e única; mas podemos sempre, se consideramos que ela permanece uma substância espiritual, inteligente e livre, chamar-lhe uma pessoa, reconhecendo que ela é incompleta, diferente do puro espírito que é o anjo, pessoa completa.<sup>63</sup>

<sup>61</sup> *MV*, *Medit.* XIV, 1º ponto, *OC IV*, p. 248.

<sup>62</sup> *Ibid.*, pp. 250-251.

<sup>63</sup> Cf. Dom Charles Massabki, O.S.B., *Le Christ, rencontre de deux amours*, Paris 1962, pp. 99-100.

Percebe-se aqui um limite comum à mariologia de Bernardes e à da sua época: se se comparam os seus raciocínios sobre a Assunção e a justificação apresentados em 1950, na sua bula de definição, o Papa Pio XII, constatamos o progresso na reflexão sobre as implicações lógicas do Novo Testamento lido com a ajuda e à luz dos Padres do século II. Maria é a nova Eva indissolavelmente unida ao novo Adão, vencedor do pecado e da morte. Ponto de vista que, pelo menos num primeiro momento, parece completamente ausente em Manuel Bernardes. Esta ausência não suprime naturalmente o valor e o interesse dos seus argumentos.

Notavelmente, a sua contemplação sobre a participação de Maria no mistério pascal tem o mérito de retomar, desde o aspecto orante, a reflexão escolástica e sábia dos seus predecessores e contemporâneos; mostra-nos (por outros termos) a reparação amante do Coração de Maria para com e junto ao Coração de Cristo (os dois Corações são explicitamente mencionados muitas vezes); ajuda-nos a perceber na fé a «soledade»<sup>64</sup> da Virgem junto à Cruz e até mesmo, num certo sentido, durante toda a sua vida, «soledade» cimentada na fé, na esperança e na caridade, «soledade» que constitui assim o meio privilegiado da sua associação constante não menos privilegiada ao sacrifício de seu Filho para a salvação do mundo. Porque esta «soledade» crescente — sempre mais amante — é a da Mãe de Deus que dá à humanidade o seu Salvador.

Precisamente, a extraordinária capacidade de Manuel Bernardes para a síntese facilita-lhe a recapitulação de títulos e mistérios da Virgem:

«A Virgem pela criação, e redenção, e baptismo era Filha de Cristo, pela Encarnação do Verbo era sua Mãe e sua Irmã, e pela união mística era sua Esposa...»<sup>65</sup>

Assim também nos diz que Maria é o «atalho da salvação».<sup>66</sup> Mais, Maria é «a que faz as pazes entre Deus e os homens»; «(na) humanidade de Cristo que Maria gerou, reconciliou o eterno Pai todo o mundo consigo».<sup>67</sup>

Por conseguinte, para o nosso oratoriano, Maria torna-se, na Sexta-Feira e Sábado Santos, com uma magnífica imagem que se transforma num jogo de palavras, na pomba amante que antecipa na noite o dia iminente, a Ressurreição de seu Filho:

<sup>64</sup> Cf. *MV*, Medit. XII, 1º ponto, *OC IV*, p. 213 e *passim*.

<sup>65</sup> *MV*, Medit. XI, 2º ponto, *OC IV*, p. 196; cf. *MV*, Medit. XV, *OC IV*, pp. 273-274. «Mãe verdadeira e natural... é também sua Mãe evangélica e espiritual, pois o gerou em tantas almas, quantas converteu à sua fé e à sua graça. E é sua filha espiritual pela geração da graça e da glória... E finalmente é sua Esposa».

<sup>66</sup> *MV*, Medit. XI, 4º ponto, *OC IV*, p. 208.

<sup>67</sup> *SP II*, *OC IV*, p. 311.



«E se a avezinha desde o seu ninho sabe pressentir a vizinhança da madrugada, esta Ave Maria lá no seu retiro se alvoroçava com as próximas esperanças da sua desejada luz, e decorava as contas do seu novo oriente, que o amor tem muito de atilado e prevenido».<sup>68</sup>

A união de Maria à Páscoa de Cristo é entendida no duplo contexto orante da oração de Maria agonizante ao seu Filho e do nosso recurso, pedindo uma boa morte, à Virgem agora glorificada:

«Em vossas mãos, Senhor Deus meu e Filho meu, encomendo o meu espírito; recebei nelas a alma que criastes à vossa imagem e conservastes sem pecado. A Vós também, e não à terra, entrego o meu corpo... guardai-o, não como corpo meu, mas como prenda vossa. Levai-me a Vós, pois sois fruto de minhas entranhas, para que repouse em vossa companhia. A meus caríssimos filhos vos entrego, pois vos dignastes chamá-los irmãos vossos; consolai-os em minha ausência...»

A consolação que Maria pede para os seus filhos, irmãos de Jesus, é a graça duma boa morte. E também aquela que nós devemos de obter pela sua intercessão. Toda a contemplação de Maria associada ao mistério pascal está orientada, em Bernardes, para a nossa morte pascal, unida à de Jesus crucificado:

«...quando voltas sobre ti, o fruto que desta consideração debes tirar são desejos de que o Senhor te conceda boa morte. Grande misericórdia é esta sem a qual todas as mais se baldam e com a qual todas as mais se consumam... Roga pois à Virgem, porfia com a Virgem, clama sempre à Virgem, ama, serve e louva à Virgem; e por este atalho direito chegarás àquele fim bem-aventurado».<sup>69</sup>

A orientação da contemplação mariana de Bernardes para uma oração apostólica pedindo a boa morte une inseparavelmente a oração contínua de todos os católicos do Ocidente latino (repetindo cada dia à Virgem: «rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte») com a vocação do oratoriano, preocupado de inculcar a todos uma oração salvífica, e mesmo até com a angústia confiante do nosso pregador, recorrendo a Maria com o seu medo pessoal duma má morte.

Porque nós sabemos, graças ao Pe. Bernardo Lopes, seu confrade, que Manuel Bernardes, tremendo de medo diante da possibilidade de duvidar na hora da sua morte, pedia sempre a Deus que lhe concedesse «o estado de inocência perante a morte».<sup>70</sup> Vamos ver o contexto mariano deste pedido.

<sup>68</sup> *MV*, Medit. XII, 2º ponto, *OC IV*, p. 216.

<sup>69</sup> *MV*, Medit. XIII, 3º ponto, *OC IV*, pp. 238-239.

<sup>70</sup> Cf. Ebion de Lima, cit. nota 3, p. 14, e pp. 184ss.

Podemos precisar a natureza, a causa e os efeitos deste «estado de inocência». Um membro da sua comunidade dizia:

«Nos dois últimos anos viveu o P. Manuel Bernardes como se não vivera, reduzido à primeira inocência do menino e como tal assistido e tratado».<sup>71</sup>

Já dissemos a razão: o medo das dúvidas na hora da morte suscita nele a admirável oração já mencionada. Mas Bernardes fez-nos compreender outra raiz deste medo: a incerteza quanto às suas obras: eram elas ou não agradáveis a Deus?<sup>72</sup>

Quanto aos efeitos deste medo e destas dúvidas, uma meditação e um sermão dum grande oratoriano permite-nos suspeitar, independentemente da obtenção do estado de inocência, outros dois; o abandono cheio de esperança à Providência, recorrendo à intercessão de Maria e à confiança nos méritos de Cristo Salvador.

Na segunda meditação sobre os mistérios da Virgem, o oratoriano convida os seus leitores a esperar «*por esta ventura com ardentíssimos desejos*»:

«Bom é temer a Deus, receando nossos deméritos e seus justos juízos (Mt 12, 5); mas sobre este temor, assente o esperar em Deus, confiando em sua infinita bondade e nos merecimentos de sua Mãe santíssima, cooperadora da salvação do mundo e seguro amparo dos seus devotos... aturarás os tédios de tão longa peregrinação e as incertezas de feliz êxito; passarás o tormentoso e arriscado estreito da hora da morte; mas nunca desamarres, nunca, a sagrada âncora da esperança... e se segue o fruto das boas obras que Ele mesmo nos deu como misericordioso Pai, para então nos salvar como recto Juiz».<sup>73</sup>

Notemos a extrema subtileza de pensamento: a confiança nos méritos de Maria (eles mesmos enraizados nos de seu Filho) não impede de modo algum o oratoriano de esperar também da misericórdia de Deus as boas obras pessoais meritórias da vida eterna. Porque ele não ignora que as suas obras, enquanto boas, são totalmente dons do Deus misericordioso, e que ele possui somente as suas obras más.

No contexto de tal esperança, tão humilde e generosa, como explicar o contraste da oração para obter a graça de voltar a ser criança? E

<sup>71</sup> SPI, OC IV, pp. 7-8: «*A quem ler*». A declaração data de 1711, quando foram publicados pela primeira vez, um ano depois da morte do autor, os seus sermões. Quando examinamos o conjunto deste prólogo dum confrade do padre Bernardes, vemos além disso que a recaída da infância foi sempre progressiva.

<sup>72</sup> SP II, OC IV, pp. 247-248.

<sup>73</sup> MV, Medit. II, 1º ponto, OC IV, pp. 40-41; cf. 56-57: «*Maria nossa esperança e conforto*».

sobretudo a constância desta oração: «*sempre pedia que Deus o pusesse no estado de inocência antes de lhe vir a morte*»?

Na realidade, não existe contradição entre os dois. Esta oração humilde pedia a graça de não ofender a Deus com as dúvidas durante a agonia, mas não impedia o esperançado de pensar que, mesmo se caísse anteriormente e momentaneamente numa dúvida, a Misericórdia de Deus, em consideração dos méritos da Paixão de Cristo, lhe inspiraria um acto de contrição perfeita, necessária para morrer em estado de graça.

Temos a prova desta interpretação num sermão do nosso oratoriano na festa da Ascensão. Ele conta um exemplo dum capuchinho, António Cireneu, que tinha posto, no meio dos seus medos, a sua confiança na Paixão de Jesus, e acrescenta:

«Não esperemos voar ao Céu em virtude de nossas asas, senão daquelas da grande Águia que hoje sobe para que nós também subamos... Nestas asas que nos provocam e nos levantam havemos de confiar que subiremos, que entraremos, que gozaremos eternamente a vista de Deus».<sup>74</sup>

Estas palavras fazem-nos compreender como, para Manuel Bernardes, a esperança do socorro divino merecido pela Paixão de Jesus e alcançado pela intercessão da Virgem, vencia o medo da sua própria fraqueza, e também a incerteza com respeito ao seu estado actual de caridade. Perante a sua inclinação para as dúvidas e esta tendência para o medo que fortalecia nele a teoria teológica do pequeno número de eleitos,<sup>75</sup> o oratoriano encontrava um pouco de esperança e de confiança no socorro de Maria.

O papel decisivo desempenhado pela contemplação de Maria no destino pessoal e no itinerário de Bernardes justificava portanto, largamente, a nossa atenção prolongada sobre o aspecto mariano da sua obra. Pelo que fazemos nossa a apreciação de Ebion de Lima:

«...debaixo da sua intensa ternura e devoção ingénua pela Virgem há uma sólida base dogmática... O dogma da maternidade divina preside ao teor de suas insistências marianas».<sup>76</sup>

<sup>74</sup> SP II, OC IV, p. 248.

<sup>75</sup> *Os últimos fins do Homem*, I, 12, OC V, pp. 213-267. Cf. A. Michel, DTC IV-2 (1924) 2350-2378, art. «Elus, nombre des», estabelecendo um balanço histórico das opiniões dos Padres e teólogos sobre o número de eleitos. A Igreja não se pronunciou sobre o número (mesmo relativo) dos eleitos e não nos obriga a não ser aos exegetas, a considerar que a frase de Jesus «muitos os chamados mas poucos os escolhidos» diz respeito, para estes últimos, à predestinação à glória.

É isto o que explica, aos olhos do mesmo intérprete da obra de Bernardes, como aos nossos olhos, que o oratoriano português, convencido de que a sua necessidade pessoal de piedade mariana se juntava à dos outros, tenha querido pôr todo o seu sentido estético, todo o seu talento literário, ao serviço da apresentação da Virgem pascal, intimamente unida à Paixão e à Ressurreição de Jesus, Esplendor da Verdade divina. É acerca e a favor de Maria que o seu domínio da língua brilha especialmente.

## Manuel Bernardes, mestre eminente duma língua portuguesa cristófora

Para compreender desde dentro o admirável êxito literário e linguístico de Bernardes, temos de ter presente no nosso espírito o fim que ele se propôs na sua actividade como escritor: «*suprir pelos voos da pena os passos que por meus achaques não posso dar nas Missões*». <sup>77</sup>

Por outras palavras, não podendo inculcar às multidões, pela palavra, a necessidade e a arte da oração, quis fazê-lo pela escrita, pelos livros. À maneira de S. Francisco de Sales, <sup>78</sup> Bernardes prolonga a sua palavra pela escrita. Ele quer convencer e ensinar. Aconselha os jovens padres a escrever e traduzir livros.

Mas é na língua portuguesa que ele quer oferecer livros. Não traduz textos que cita em espanhol — porque o Portugal do seu tempo ainda é, desde o século XVI, bilingue —, mas não cita textos latinos sem os traduzir, <sup>79</sup> porque ele quer chegar a um público mais amplo. Quer ajudar uma enorme multidão no caminho da oração.

Com o mesmo fim, semeia o seu discurso com termos comuns, para não dizer vulgaridades, ele, o escritor clássico. Abunda em provérbios, comparações e observações psicológicas tipicamente ao gosto do homem comum. Tal é o resultado estilístico da sua missão de propagador universal da oração mental.

O estudo técnico da estilística de Manuel Bernardes manifesta a influência do latim. O hipérbato, ou inversão ordenada para a ênfase, é-lhe perfeitamente

<sup>76</sup> Ebion de Lima, cit. nota 3, pp. 222-223.

<sup>77</sup> LC, Prólogo «*Ao leitor benévolo*», OC II.

<sup>78</sup> Cf. SP, II, 60: o santo bispo de Genebra quis imitar Moisés aceitando o conselho de Jetro (Ex 18, 14): «*Tomando coadjutor do cargo pastoral e entregando-se a orar e a compor para utilidade do povo cristão*».

<sup>79</sup> As fontes de M. Bernardes, para a sua obra de compilador e de tradutor, são por vezes francesas, mais vezes italianas, e geralmente latinas ou espanholas. Traduziu capítulos inteiros sem sequer indicar o nome do autor ou da obra. Nesta época, concebia-se de modo menos riguroso a

natural. A sua prosa eurítmica<sup>80</sup> antecipa o verso livre dos modernos, especialmente pelo cuidado fonético. «*Prosa voluptuosa pelo amor com que Manuel Bernardes escolhia as palavras*», sublinha A.J. Saraiva e Ó. Lopes.<sup>81</sup> Dá-nos, assim, uma poesia lírica em prosa: «*Conseguiu Manuel Bernardes transformar em poesia o seu fervor religioso, toda a sua intensidade emocional*», pensa o professor João David Pinto Correia (na sua tese sobre *Luz e Calor*).

Simultaneamente, a sua exaltação poética não suprime as suas qualidades de narrador; assim as narrativas contidas na enorme recolha que é *Nova Floresta*, são «*modelos da arte de contar com serenidade, equilíbrio, economia, boa ordem em precisão incisiva*», aos olhos do crítico literário Fidelino de Figueiredo que acrescenta: «*É um artista da prosa narrativa*».

Graças à fé ardente, à imaginação erudita e à riqueza verbal de Manuel Bernardes, a língua portuguesa, já língua de cultura católica,<sup>82</sup> torna-se nas suas mãos uma língua poética de oração, uma introdução à união íntima com Cristo Salvador, uma língua cristófora. Mais de dois séculos depois da morte do nosso oratoriano, ele continua, pela sua pena, a convidar os seus leitores do mundo lusófono — muito mais vasto hoje e sobretudo mais numeroso — a contemplar a misericórdia de Jesus Cristo e a invocá-lo.

Mérito raro, que não impede alguns deméritos...

## **Crítica negativa e positiva dos escritos de M. Bernardes**

Não deixámos de notar já muitos limites e defeitos, aqui apresentados por ordem de crescente gravidade.

O nosso autor abusa das comparações hiperbólicas (por exemplo, a propósito de S. Filipe de Néri, o fundador do Oratório, que é, segundo Bernardes, superior aos Anjos...<sup>83</sup>). Por vezes não compreendemos correctamente o seu

propriedade dos direitos de autor — a intenção apostólica, pensava-se, fazia de qualquer livro um património anónimo (cf. Ebion de Lima, *o.c.*, c. 4). Além disso, nenhuma das suas considerações suprimiam o valor literário de M. Bernardes, nem o seu carácter de clássico da língua portuguesa.

<sup>80</sup> Uma análise precisa do estilo de M. Bernardes, através de amostras das suas diferentes obras, permitiria discernir se o seu ritmo é sobretudo ternário ou binário ou, melhor dizendo, como combina os movimentos destes dois números. Pelo que conheço, tal análise não existe ainda, pelo menos publicada.

<sup>81</sup> Apreciação citada pelo artigo sobre Bernardes no *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa* de J.J. Cochofel, I, 1977.

<sup>82</sup> Também o são as línguas espanhola, italiana e francesa.

<sup>83</sup> *SP* II, pp. 264-266, onde o nosso autor se inspira em Ef 3, 10: « Os poderes celestes conhecem a multiforme sabedoria de Deus através da Igreja ». Podemos notar neste texto de Bernardes, não, certamente, erros doutrinários, nem mesmo um desequilíbrio propriamente dito, mas antes um certo preciosismo.

pensamento de que resultam críticas não fundadas. Estes excessos reais ou supostos neutralizam a acção da Palavra divina que o oratoriano português transmitia. Implicam por vezes a sua mistura com uma palavra humana que a adultera.<sup>84</sup>

Este primeiro defeito ajuda-nos a compreender um segundo, mais grave pelas suas consequências: o abuso que o nosso autor faz dos «*exemplos*». Entendemos por *exemplum*<sup>85</sup> um instrumento pedagógico de ensino moral ou religioso, um método literário já em voga na antiguidade não cristã, no Antigo Testamento, nos Padres da Igreja e na Idade Média. O *exemplum* quer apresentar, a propósito duma norma ética, um precedente, um modelo, uma ilustração.

Já Aristóteles na sua *Retórica*<sup>86</sup> considerava o *exemplum* como um processo de descoberta da verdade, no meio de provas persuasivas. Gregório Magno dá importância ao *exemplum* hagiográfico nas suas homilias e *Diálogos*. S. Boaventura, no século XIII, expõe a sua finalidade e o seu uso. Na segunda metade deste século aparecem as primeiras colecções de *exempla*. É o primeiro desenvolvimento do género. Os pregadores têm estes Manuais à sua disposição.<sup>87</sup>

Este ambiente prepara e condiciona Manuel Bernardes. É na sua obra onde surge a apologia do *exemplum*, não só em *Luz e Calor*, mas sobretudo em *Nova Floresta*. Nele é um procedimento de amplificação dos argumentos descobertos, das «provas persuasivas» mencionadas acima. O *exemplum*, para Bernardes, é uma parte da realidade destinada a representá-la na sua totalidade, um ornamento que, partindo dum aspecto da realidade, ajuda a concluir — especialmente pela sua suposta verosimilhança. Explorando uma tendência para imitar um modelo, o *exemplum* quer provar uma adesão afectiva a um valor; constitui um processo que se orienta, mais que à inteligência, à afectividade.

Ora, o nosso autor manifesta uma «credulidade extraordinária».<sup>88</sup> Crédulo por sistema, ele parece meter no mesmo plano argumentos de valor e argumentos sem valor. Não anuncia critérios, quer intrínsecos quer extrínsecos, para justificar uma convicção. Deixa-se levar demasiado pelo maravilhoso, pelo extraordinário.

<sup>84</sup> Cf. 2Cor 2, 17.

<sup>85</sup> Podemos ver, sobre esta questão, MLGP, *EEMB*, c. 4, e não menos R. Cantel e R. Ricard, art. «Exemplum», na Idade Média e na época moderna, no *DSAM* IV-2 (1961) 1892-1902. Muitos mestres reconhecidos da literatura portuguesa recorreram ao *exemplum*: fr. António das Chagas antes de Bernardes, o bispo Manuel do Cenáculo, depois; este último nas suas *Memórias históricas do ministério do púlpito* (pp. 299-302) condena, depois de S. Carlos Borromeu, o recurso às fábulas profanas ou pagãs, mas admite as anedotas edificantes, desde que se evitem as «*falsidades piedosas*» que entretêm a credulidade e provocam a troça dos protestantes e dos incrédulos.

<sup>86</sup> Aristóteles, *Retórica*, I, 2, 1356t; cf. a palavra célebre de Séneca (*Epist.*, 6, 5): «*Longum iter per precepta, breve et efficax per exempla*».

<sup>87</sup> É especialmente o caso de M. Bernardes que vai «buscar muitas vezes as suas histórias a outros autores religiosos do século XVI ou XVII» (*DSAM*, art. citado na nota 85, col. 1897).

<sup>88</sup> *Ibid.*, col. 1989.

Tal convicção surpreende num teólogo não menos inclinado — nós vimo-lo frequentemente — à profundidade especulativa; é preciso reconhecer com o Pe. J. de Guibert<sup>89</sup> que o gosto pelo maravilhoso era geral na época, apesar das advertências do V Concílio ecuménico de Latrão<sup>90</sup> e da reforma tridentina, pelo menos nos países pouco atingidos pelo protestantismo. Tal era o caso de Portugal, enquanto que em França o *exemplum*, pouco utilizado por S. Francisco de Sales,<sup>91</sup> tinha já desaparecido completamente com Bossuet e Bourdaloue. Com efeito, a sua pregação não se dirigia ao meio popular. Queria antes, atender uma elite, censura relativamente ao maravilhoso, sob a influência conjugada do protestantismo, do jansenismo e do cartesianismo.

Bernardes não parece ter beneficiado dos critérios propostos por um pregador mais popular, S. Vicente de Paulo. Para este, o *exemplum* podia ser admitido em três condições: ser belo, autêntico e tirado de qualquer grande autor, isto é, bem escolhido e adaptado ao público em vista.<sup>92</sup> Mas Bernardes terá conhecido estes critérios?

A sua credulidade diante dos *exempla* de Manuais preparou-o, aos olhos de muitos, para uma certa «sensualização» dos temas religiosos, para um desejo intempestivo de fazer ver e entender, para a inverosimilhança.

Entretanto veremos rapidamente como podemos invocar em favor do grande oratoriano português uma série de circunstâncias atenuantes, por vezes esquecidas. Não suprimem, aliás, a gravidade das consequências da credulidade de Bernardes: em muitas páginas, ele afasta-se involuntariamente da fé e, por conseguinte, da oração para a qual queria chamar.

Mais! O seu pessimismo poderia desviá-lo ainda mais! Ebion de Lima observa<sup>93</sup> justamente que nele há um «colorido sombrio em que há mais inquietude pela insegurança do que consolação pela esperança», e que o seu contacto com S. Francisco de Sales «suavizou mais o estilo que a doutrina».

Sem negar que um estudo mais aprofundado das obras do grande apóstolo de Lisboa oferece periodicamente belas e profundas consolações, convém, sobretudo aqui, sublinhar que certas críticas do seu pessimismo

<sup>89</sup> J. de Guibert, S.J., *La spiritualité de la Compagnie de Jésus*, Roma 1953, sem referência precisa.

<sup>90</sup> Na sua sessão XI, no dia 19 de Dezembro de 1516, sobre a maneira de exortar, o concílio ecuménico denunciava fortemente os pregadores que se erigiam em profetas sem qualquer missão real e desviavam da salvação com as suas terríveis ameaças: ver o texto em J. Alberigo, *Conciliarum oecumenicorum Decreta*, Freiburg-im-Brisgau 1962, p. 511.

<sup>91</sup> Notamos somente quatro *exempla* — embora bastante longos — na *Introdução à vida devota*.

<sup>92</sup> S. Vicente de Paulo, *Abrégé de la méthode de prêcher*, citado por J. Calvet, *Saint Vincent de Paul*, Paris 1913, p. 239.

<sup>93</sup> Ebion de Lima, *o.c.*, p. 229.

manifestam uma extraordinária incompreensão do sentido profundo e exacto de muitas doutrinas evangélicas e católicas.<sup>94</sup>

É hora de passar a um exame dos limites e qualidades singulares que envolvem.

O *exemplum* está marcado pelo sobrenatural do milagre cristão, dos milagres que os evangelhos nos relatam. A verosimilhança do feito miraculoso deve ser considerada dentro dum género que funciona num contexto histórico como demonstração da onnipotência divina. Factos humanamente inexplicáveis, apresentando um significado religioso, são sempre observados — em Lourdes, especialmente —, e reconhecidos como tais por médicos.<sup>95</sup>

Além disso, a verosimilhança é variável segundo os tempos e os lugares, em função das variações na mentalidade do público.

No caso particular de Manuel Bernardes, os *exempla* dos seus *Exercícios Espirituais* representam um equilíbrio relativo, uma moderação que desaparece logo, por momentos, nesta ou naquela das suas obras posteriores (como *Luz e Calor*, *Nova Floresta*).

Além disso — e sobretudo —, o recurso ao *exemplum*, no oratoriano de Lisboa, longe de querer favorecer a superstição, constitui uma peça mestra dum discurso teológico. O *exemplum* inclui uma prova de razão teológica<sup>96</sup> que vem a completar os argumentos da Tradição e da Escritura. Acrescenta o embelezamento estético tal como a generalização: partindo dum caso particular quer levar a uma conclusão universal.

Em suma, em Manuel Bernardes, o uso concreto do *exemplum*, mais de uma vez, não pôde contribuir — paradoxalmente, dadas as acusações de que nos fizemos eco — para esta solidez e segurança de doutrina teológica que muitas vezes reconhecemos nele. Clássico literato, o nosso autor é também um clássico espiritual e doutrinal. É cuidadoso em não se descartar do conjunto da corrente tradicional no interior da Igreja. O seu pessimismo habita os limites da ortodoxia. Querendo alimentar a oração contemplativa de todos os cristãos deixa-nos, na sua obra imensa, os

---

<sup>94</sup> Ver MLGP, *EEMB*, p. 90: na realidade, a alma do purgatório, predestinada e em estado de graça, é amada por Deus embora sofra uma purificação por causa do seu apego aos pecados veniais não expiados. Não existe, portanto qualquer contradição ou absurdo nas afirmações de M. Bernardes.

<sup>95</sup> Ver P. Poupard, art. «Miracle. III - Dans l'apologétique», *Dictionnaire des Religions*, Paris 1984, pp. 1109-1110.

<sup>96</sup> Citemos um exemplo deste tipo de *exemplum*: a dissertação de 25 páginas, aqui resumidas (cf. notas 20 a 29), demonstram de que maneira se justifica a afirmação dos santos que se consideravam grandes pecadores.



materiais necessários para construir um discurso articulado<sup>97</sup> sobre Maria, sobre Cristo, sobre os sacramentos e sobre a escatologia.

Esperando a aparição de trabalhos sobre a teologia do grande oratoriano de Lisboa, depende de nós constatar a beleza, a profundidade e a nobreza dos seus *Sermões*. Há cerca de três séculos que foram escritos, pronunciados, publicados. Muitos deles têm tão pouco uso que o leitor do nosso tempo, mais atacado por crises de depressão que os contemporâneos de Bernardes, encontrará aí muitas vezes um remédio espiritual singularmente tónico, um verdadeiro reconstituente, um impulso no exercício da fé, da esperança e da caridade.

Como não mencionar aqui, a título de exemplo, os sermões da segunda oitava da Páscoa sobre a devoção às Chagas de Jesus, alimento das virtudes teológicas, e sobre a Tempestade acalmada por Jesus, pacificador da alma em angústia e consolador da sua Igreja perseguida pelos pecadores, seus membros?

Não é fascinante pensar que este angustiado, este teólogo tão marcadamente pessimista, seja aquele que, pelo resplendor inseparavelmente ontológico e literário dos seus pontos de vista, nos ajude a encher-nos de serenidade através da oração? Porque nós convencemo-nos, ao lê-lo, que a oração é necessária à nossa salvação e obrigatória, mesmo no plano do direito natural; que a mortificação e a oração são as duas asas que nos fazem voar na direcção de Deus; e, enfim, que a própria alma, rezando, ressuscita.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> Tão interessantes temas para teses!

<sup>98</sup> *SP II, OC IV*, pp. 276ss. Trata-se do segundo sermão para a oitava do Pentecostes sobre Jesus, Porta para a Vida eterna (Jo 10, 7-9).

# CENTRO DE ESPIRITUALIDADE

## RETIROS

### Para Religiosas:

- I - Tema: *A oração de Jesus*  
Data: **09 - 15 ABRIL 1995**  
Orienta: **P. Alpoim Alves Portugal, OCD**
- II - Tema: *A oração de Maria*  
Data: **21 - 27 MAIO 1995**  
Orienta: **P. Manuel Brito, OCD**
- III - Tema: *A oração da Igreja*  
Data: **17 - 23 SETEMBRO 1995**  
Orienta: **P. Alpoim Alves Portugal, OCD**

### Para Leigos:

- Tema: *Preparar o Natal*  
Data: **15 - 17 DEZEMBRO 1995**  
Orienta: **P. Alpoim Alves Portugal, OCD**

## CASA DE ORAÇÃO

Na **CASA DE ORAÇÃO** recebemos quem deseje viver uns dias de descanso na oração e silêncio para gozar da intimidade de Deus. Podem beneficiar desta modalidade sacerdotes, religiosos/as, consagrados/as, leigos/as, jovens ou adultos.

**Informações e inscrições: Tel. 055. 534207**  
**Fax. 055. 534289**



